



CRB

JUNHO 2008 • XLIII • n.º 412

# CONVERGÊNCIA

- Revolução universal do amor, a ética mundial de defesa e promoção da vida
- A educação em debate. Duas profissões impossíveis: educar e governar
- Liturgia na vida das comunidades religiosas hoje
- CRB em tempo de mudança! Mudança de tempo!

# Sumário

## Editorial

Vida! Ela possui o mesmo colorido de cada SIM ..... 337

## Palavra da CLAR

Mensagem da XXXIX Reunião da Equipe Diretora da Confederação Latino-Americana de Religiosos – CLAR ..... 339

## Informe CRB

A nova sede ..... 343

## Artigos

Revolução universal do amor, a ética mundial de defesa e promoção da vida – CARLOS JOSAPHAT, OP ..... 346

A educação em debate. Duas profissões impossíveis: educar e governar – WILLIAM CÉSAR CASTILHO PEREIRA ..... 364

Liturgia na vida das comunidades religiosas hoje – MARCO ANTÔNIO MORAIS LIMA, SJ ..... 384

CRB em tempo de mudança! Mudança de tempo! – ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, FDP ..... 405

*A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, dp

### REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp  
MTb 10.764

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

*Coordenador:*

Ir. Márian Ambrósio, dp

*Conselho editorial:*

Ir. Aíla Pinheiro de Andrade, nj  
Pe. Francisco Taborda, sj  
Pe. Jaldemir Vitório, sj  
Pe. Cleto Caliman, sdb

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507  
Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tels.: (61) 3235-2991 / 3226-5540  
Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

*Projeto gráfico:*  
Manuel Rebelato Miramontes

*Revisão:*  
Cirano Dias Pelin  
Sandra Sinzato

*Impressão:*  
Gráfica de Paulinas Editora

*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

**Assinatura anual para 2008:** Brasil: R\$ 84,00  
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)

# Vida! Ela possui o mesmo colorido de cada SIM

337

EDITORIAL

“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo,10,10).

Ao buscar uma palavra-chave que introduza os temas que apresentamos à grande comunidade reunida pela leitura da revista *Convergência*, nossos olhos *convergem* para a palavra *vida*.

O maior de todos os sonhos de Deus, a maior de todas as “boas notícias do evangelho de Jesus”, a maior de todas as causas que fazemos nossas: *vida!*

Frei Carlos Josaphat, op, nos convida a aprofundar o tema *vida* em seu artigo “Revolução universal do amor, a ética mundial de defesa e promoção da vida”. Ao nos recordar a corajosa opção de nossas(os) fundadoras(es), recoloca a “opção pela vida” como elo maior de nossa resposta vocacional, atualizando-a para as urgências do hoje. Atualizando nossos carismas fundacionais, irradiando a alegria e a gratuidade que deles emana, estamos *re-significando* nossa consagração. Ao chamar a atenção para atitudes éticas e comprometidas, re-funda em nós a capacidade de servir, com criatividade fiel.

Em “A educação em debate. Duas profissões impossíveis: educar e governar”, o professor William César Castilho Pereira dá-nos uma chance preciosa para sentirmos nossos pés bem apoiados em uma das realidades que merecem nossa atenção neste momento de grandes transformações: a formação para a Vida Religiosa Consagrada. O texto é quase uma homenagem a quem, “a despeito dessa realidade dura, se dedica, entusiasmadamente e com êxito, ao processo de formação das novas gerações, e insiste em crer ‘contra toda

esperança”. O autor, partindo do resultado de uma pesquisa por ele mesmo coordenada, discorre sobre o perfil das(os) jovens que procuram nossas congregações, ajudamos a compreender suas motivações, além de oferecer chaves de interpretação para formadores. Vale a pena estudar sobre suas indicações em relação a nossos processos de formação.

“Liturgia na vida das comunidades religiosas hoje” é o estudo realizado e apresentado pelo padre Marco Antônio Moraes Lima, sj. Sobre aspectos históricos da liturgia das comunidades de consagradas e consagrados, o autor nos leva — comunidade de pessoas consagradas — a nos reconhecermos como “uma assembléia litúrgica”. Leva-nos, então, ao mergulho bíblico que nos motiva a resgatar dimensões preciosas para o cotidiano espiritual de nossa vida em comunhão. Outro aspecto de muito interesse encontramos nas observações relacionadas ao “significado de usar da liberdade e criatividade para adaptar a liturgia à realidade das casas religiosas”. Concluindo com a integração da vivência da profissão dos votos religiosos, inserindo sua compreensão a partir do enfoque litúrgico, o artigo se torna instrumento de *vida* para comunidades de pessoas consagradas.

Esta edição aborda também o tema “Transferência da sede nacional da CRB da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Brasília”, cumprindo decisão das(os) superiores(es) maiores, reunidas(os) durante a XXI Assembléia da Instituição. Padre Antônio Aparecido da Silva, fdp — padre Toninho — dedica algumas páginas à leitura desse fato, salientando seu significado e as possibilidades que representa. Seu artigo “CRB em tempo de mudança! Mudança de tempo!” nos ajuda a “integrar a mudança à fidelidade ao projeto de seguimento de Jesus”.

Com o objetivo de bem situar este momento histórico, todos os informes desta edição tratam da transferência da sede.

# Mensagem da XXXIX Reunião da Equipe Diretora da Confederação Latino-Americana de Religiosos – CLAR

339

SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 5 A 7 DE ABRIL DE 2008

"A CAMINHO DE UMA VIDA RELIGIOSA MÍSTICO-PROFÉTICA A SERVIÇO DA VIDA"

1. Nós, membros desta XXXIX Equipe Diretora da CLAR (presidência, presidentes(as) das conferências nacionais e seus(suas) delegados(as) e a Equipe de Teólogos(as) Assessores(as) da Presidência da CLAR – ETAP), queremos fazer chegar a todos(as) os(as) religiosos(as) da América Latina e do Caribe nossa saudação fraterna e sororal, e o fazemos desde estas terras costarriquenhas de lagos e vulcões e de uma biodiversidade que convida a cantar a toda a criação.

2. Nosso encontro coincide com alguns fatos interessantes, inesperados e surpreendentes para a vida do nosso continente:

- O aumento do número de mulheres em presidências e em postos de ação e decisão política nos vários governos nacionais.
- A candidatura, fora dos padrões costumeiros, de irmão que exerceu o ministério episcopal para a presidência de um de nossos países (Paraguai).
- A possibilidade eminente de guerra entre países irmãos por violação de território.
- O aumento de situações de violência.
- O aprofundamento da pobreza e a crescente iniquidade.
- O flagelo da droga, da exploração sexual e o tráfico de mulheres e crianças.
- A destruição da biodiversidade e a devastação sem nenhuma misericórdia de grandes áreas da Amazônia.
- As mudanças climáticas e suas conseqüências etc.

Somente na contemplação das contradições desta história é que conseguimos descobrir os sinais de vida e sentir o chamado do Senhor para sermos homens e mulheres de Deus, com os pés bem postos na realidade de angústias e esperanças de nossos irmãos e irmãs latino-americanos e caribenhos.

3. Estamos vivendo um clima de reflexão e diálogo com liberdade desde o início da gestão desta nova Equipe Diretora.

Afetuosamente acolhida de padre Oscar Mata, cm, presidente da Conferência dos Religiosos e Religiosas da Costa Rica, de maneira especial ressaltamos as palavras de reconhecimento dos irmãos bispos que nos acompanharam e ajudaram a comprovar a veracidade da importância da Vida Religiosa e do lugar que ocupa no caminhar da Igreja e dos povos latino-americanos e caribenhos. Essa compreensão se amplia ainda mais, nas palavras de monsenhor Gianfranco Gardin, secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica – CIVCSVA, ao expressar que a VR na América Latina e no Caribe está viva e constitui uma parte importante de toda a Vida Consagrada e que a CLAR é uma Conferência que assume muito bem a missão que lhe foi confiada, com uma história particular e uma tradição de trabalho conjunto. Tais palavras que nos encheram de alegria e esperança.

4. As situações de dificuldades e conflitos que afrontam algumas conferências, seja por questões internas, seja pela realidade sócio-político-econômico-cultural-eclesial, também foram motivo de diálogo e reflexão. Nas partilhas de experiências de vida, encontramos-nos além das dificuldades que têm sua raiz nas distintas maneiras de conceber o “ser Igreja”. Cresce na VR latino-americana e caribenha uma expectativa de pertencer a uma Igreja/comunidade, Povo de Deus, ministerial, onde todos(as) os(as) discípulos(as), missionários(as) de Jesus Cristo, sejam reconhecidos(as) em seu lugar e seu carisma, e tenham “espaço e voz própria”. Portanto, segue sendo um desafio o crescer em comunhão e participação social e eclesial, buscando caminhos de diálogo com toda a realidade que nos cerca, para afrontar, unidos(as), os grandes desafios de nosso tempo.

5. A novidade desta Equipe Diretora são “os projetos e programas” que, atendendo aos novos cenários e atores emergentes, nos impulsionam a novas e/ou inusitadas maneiras de expressão de nosso carisma e missão na:

- Educação e nos novos modelos de sociedade.
- Bioética e ação evangelizadora no campo da saúde.
- VR inserida em meios populares e lugares de fronteira.
- Contribuição da VR afrodescendente e indígena.
- Religiosos irmãos (não-clérigos) e o aprofundamento de sua identidade e lugar na Igreja e na sociedade.

Ao mesmo tempo que se desenvolvem estas propostas através de diversos seminários:

- A formação humano-relacional para a revitalização sobretudo das novas gerações da VR.
- A memória de nossos(as) religiosos(as) mártires.
- A leitura orante da Escritura, que estimulará nossa formação para o discipulado místico-profético a serviço da vida.

6. Na noite em que apresentamos oficialmente o projeto da “leitura orante” para a VR da Costa Rica, vivemos um momento de gozo. Nesse contexto celebramos o lançamento do Jubileu de Ouro da CLAR e os dez anos de vida da Conferência da Costa Rica. A Santa Maria dos Anjos, padroeira da Costa Rica, cuja imagem nos entregaram, pedimos que acompanhe este processo celebrativo e nos ajude a crescer em comunhão e fidelidade com Deus, com o povo e com a Igreja.

7. Ao finalizar este encontro, queremos fazer extensiva a todos(as) os(as) religiosos(as) da América Latina e do Caribe a chamada que padre Ignacio Madera, sds, presidente da CLAR, fez à Equipe Diretora em seu discurso inaugural:

É um tempo de esperança e necessitamos redescobrir o sentido histórico do nosso estilo de vida na Igreja. Ele nos ajudará a projetar nossas conferências nacionais e buscar decididamente viver na liberdade, criatividade e espírito renovado “para mostrar com fatos... que a VR segue viva neste continente como

uma forma de viver com sentido" (Bento XVI) e que não somos a pedra da Igreja, mas afetados e afetadas pela secularização e o ceticismo.

8. Se queremos uma verdadeira mudança, necessitamos ser muito críticos(as) com determinados aspectos de nossa Vida Religiosa, assumindo e afrontando os problemas na direção interna e na direção externa da mesma. Isso exige de nós, sobretudo, revitalizar a centralidade de Jesus em nossas vidas e seu seguimento à luz das Escrituras e da história.

9. Culminamos, então, esta XXXIX Equipe Diretora, confiantes em que o Senhor caminha conosco, como caminhou com os discípulos de Emaús, incendiando nossos corações com seu mesmo Espírito, convidando-nos para a mesma mesa, a fim de conhecê-lo e a deixar que ele nos reconheça no partir, repartir e compartilhar o pão da vida, que tem como exigência construir fraternidade, solidariedade, justiça e paz.

10. A experiência mística, vivida na casa das Irmãs Missionárias Clarissas, experiência partilhada como irmãos e irmãs religiosos, nos impulsiona a ser profetas de seu Reino, amando e servindo como Jesus de Nazaré, que veio para que "todos e todas tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo, 10,10). Impulsiona-nos a lutar, andar, buscar... Uma vez mais!

A Conferência dos Religiosos do Brasil já instalou sua Sede Nacional em novo endereço: SDS Bloco H, n. 26, Ed. Venâncio II, 5º andar, 70393-900, Brasília-DF.

Bem no coração do Plano Piloto da Capital Federal, precisamente do lado esquerdo (se nos colocarmos de costas para a Catedral) da Rodoviária (início da Asa sul), deparamo-nos com o Conjunto Comercial CONIC, que abriga o Edifício Venâncio II. No 5º andar deste edifício, situam-se as 17 salas de propriedade da CRB Nacional.

No momento em que escrevemos este informe, ocupamos oito salas, em respeito a contratos de aluguel das demais, anteriormente estabelecidos. São salas amplas e bem iluminadas que, após as necessárias adequações, se transformarão no espaço funcional e acolhedor que desejamos para a missão de sediar os serviços de animação da Vida Religiosa Consagrada no Brasil, somados aos serviços de bem administrar os diversos setores que instituímos em resposta a exigências legais e de gestão atualizada.

Remetemos a reforma da nova sede para um período posterior porque precisamos definir o projeto de sede que melhor servirá à Vida Religiosa do Brasil e porque algumas salas continuam alugadas a terceiros, o que dificulta o bom andamento dos trabalhos.

### ***A antiga sede***

Em nosso imaginário, as(os) leitoras(es) da revista *Convergência* conhecem o 3º e o 4º andar do Edifício Ânglia, no

n. 24 da Rua Alcindo Guanabara (Cinelândia), onde desde agosto de 1977 a CRB manteve sua Sede Nacional. Sentiremos saudades da harmonia conquistada naquele espaço, inserido no centro histórico do Rio de Janeiro! E isto é bom...

Em reunião conjunta entre Diretoria Nacional, Conselho Superior e Conselho Fiscal da CRB, foi decidido preservar esse patrimônio, na medida do possível e pelo prazo que pudermos. Devido à sua excelente localização e conservação, esperamos poder utilizar os recursos aferidos através do aluguel das salas, tendo em vista a manutenção da CRB Nacional. No momento em que escrevemos este informe, ocorrem os encaminhamentos necessários para tal passo.

### Funcionárias(os)

Sem dúvida, o que mais nos desafiou e desafia até agora foi/é o processo de demissão das(os) 19 funcionárias(os) que colaboravam e colaboram conosco na sede do Rio de Janeiro, pessoas de confiança, que muito contribuíram para o bom desempenho das atividades desenvolvidas durante tantos anos. Como sinal de reconhecimento, buscamos — e conseguimos — emprego para todas(os) as(os) que, no tempo determinado, nos entregaram seus currículos e expressaram o desejo de continuar em atividade. Agradecemos, de coração, ao esforço da VR do Rio de Janeiro, que se empenhou em abrir espaço em suas instituições para que pudessemos ter a alegria de fazer esta comunicação: nossas(os) funcionárias(os) foram demitidas(os) em clima de diálogo, com respeito a todos os direitos, e encaminhados a uma nova oportunidade de trabalho.

### Documentação

A parte que ainda merece maior atenção e cuidado está na devida documentação para o pleno funcionamento da CRB Nacional em Brasília. Temos em mãos, *devidamente aprovado* pela Santa Sé, o estatuto canônico. Também, *devidamente aprovado* pela Assembléia Extraordinária de 7 de março deste ano e *devidamente registrado* em cartório do Rio de Janeiro

e Brasília, o estatuto civil. Já encaminhamos solicitação do restante dos documentos necessários. A assessoria jurídico-administrativa acompanha cada passo deste processo.

### Comunidade intercongregacional

No momento, somos cinco religiosas e um religioso que não têm comunidade em Brasília, tendo sido liberadas(o) por nossas congregações para o serviço à CRB Nacional. Com sentimentos de alegria e gratidão, comunicamos que constituímos uma comunidade de vida e de missão. Provisoriamente, vivemos junto às Irmãs Canizianas, que partilham conosco um espaço que estaria destinado a acolher pensionistas. Nosso endereço: SGAS Q 908 Bloco C, lotes 23-25, cep 70390-080, Brasília-DF.

## Revolução universal do amor, a ética mundial de defesa e promoção da vida

CARLOS JOSAPHAT, OP\*

Qual o verdadeiro elã da Vida Religiosa hoje? Ela se vê chamada a ser a urgente revolução do amor, batendo-se por uma ética mundial de defesa e promoção da vida.

O gosto de viver e de lutar pela vida emerge como a mais bela inspiração animando a Vida Consagrada, dando-lhe uma presença e uma marca distintiva no decorrer dos séculos e mais fortemente ainda nos dias de hoje.

É verdade que a beleza dessa imagem e dessa mensagem, por vezes, se perde ou se ofusca entre conflitos e ambigüidades. E assim, sobretudo para as jovens gerações, pode estar um tanto ocultada essa primeira evocação até mesmo de um passado recente, a que se ligam imediatamente as experiências e formas de espiritualidade propostas em nossos tempos.

Não seria um bom começo refletir sobre os desafios lançados à vida humana, e por isso à Vida Religiosa, pela modernidade e pela pós-modernidade? Em seu dinamismo vertiginoso, essas últimas etapas históricas se propagam como outras tantas ondas de questões, de problemas e incertezas, provindas primeiramente das verdadeiras e profundas revoluções científicas no campo da biotecnologia.

Mais ainda: a vida humana se vê envolvida por todo lado por um feixe de possibilidades e projetos de aprimoramento ou por outros tantos riscos e ameaças de manipulações aventureiras ou interessadas. Esses saberes e poderes de modificar o próprio ser humano estão a exigir, com urgência, a coragem e a lucidez da sociedade e da Igreja para propor, tornar

\* **Frei Carlos Josaphat** é sacerdote da Ordem dos Pregadores (Dominicanos). **Endereço do autor:** Rua João de Santa Maria, 142, Jardim da Saúde, cep 04158-070, São Paulo-SP.

crível e viável uma ética mundial de defesa e promoção da vida, das condições e do ambiente que lhe sejam propícias.

Essa audaciosa e humilde revolução do amor não estaria no coração mesmo do projeto da Vida Consagrada, ontem e hoje, e bem mais hoje do que ontem?

### ***Fundadores e fundadoras enfrentam a modernidade***

Na aurora do mundo moderno, quando se iam construindo as rendosas técnicas e surgiam as empresas poderosas da economia mercantil e industrial, animadas pelo utilitarismo e pela ambição da concentração do lucro e do poder de mercado, a vida ia sendo relegada e ficando desconhecida em sua dignidade singular, em seu valor acima de todo preço.

Bem se compreende, no mercado não havia espaço para a vida improdutiva das crianças, dos anciãos, mesmo dos jovens, de todas as amplas faixas das classes pobres ou empobrecidas. Na marcha acelerada da idolatria do ouro, de que os descobrimentos tinham levantado a bandeira, sobrava a imensa caravana da gente simples e desprevenida. Não tinha chance nem vez no sistema financeiro. Nem tinha, portanto, entrada no sistema da educação, da cultura. Dessa discriminação, que surgia como se fosse um fatalismo ou o imperativo de uma lei histórica e natural, resultaria a massa condenada ao desemprego e à carência das condições mínimas de uma existência digna.

Era o grande pecado coletivo contra a vida entrando para a infelicidade do mundo moderno. Na doutrina oficial da Igreja, vai-se afirmando aquele dado fundamental que a teologia da libertação proclamara a partir da América Latina: os pecados capitais crescem e se multiplicam no sistema capitalista que aí prospera no consumismo e no orgismo desenfreados.

No contraste e na luta contra esses pecados sociais, brilharam os carismas dos fundadores e das fundadoras que surgiram humildes e corajosos, buscando a possível inserção na periferia mal-tratada da modernidade, entre as popu-

lações discriminadas. Mostraram-se criativos, inventando respostas generosas e inteligentes, no empenho de ajudar a vida frágil, exposta, às vezes, explorada, manipulada, comercializada.

Não apenas praticaram a pobreza, mas se fizeram mendicantes em benefício dos necessitados. Jogavam com os recursos de que dispunham e avançavam quais pioneiros do bem-fazer lúcido eficaz em meio às mentalidades do desleixo e da indiferença pelo outro, do descaso pelo direito, pela dignidade dos seres humanos.

Na mentalidade da época e no tipo geral de cristandade de então, ainda não dava para cogitar em criar um mundo novo e alternativo. Mas as comunidades religiosas emergiam, não sem dificuldades e até com heroísmo. Era muito o que ofereciam em termos modestos de “asilos”, “abrigos”, “oratórios”, “creches”, “orfanatos”, “escolas”, “colégios”, “casas de misericórdia”, “hospícios ou hospitais”. Brotavam como uns tantos prontos-socorros inspirados pela urgência compassiva que a religião propunha e queria despertar em um mundo sem alma.

Está aí o que era possível ou se fazia, então, possível, graças a uma vaga imensa de lideranças espirituais e de fundações religiosas. A lucidez, a compaixão, o empenho dos santos e das santas que elevavam aos céus suas mãos calejadas, tornavam viável uma beneficência multiforme em uma cristandade mais afeita a piedades egocêntricas e em uma sociedade de ambições sem medida.

O carisma dos santos fundadores e das santas fundadoras fazia surgir e esplandecer, então, o essencial do Evangelho, ver nos pobres os “vigários de Cristo”. Para esses admiráveis pioneiros do amor, o primordial para a Igreja não era condenar o mundo moderno, lutar pela manutenção dos Estados pontifícios e contar com a benevolência dos políticos.

A Igreja deveria proclamar e realizar o que ela é na verdade: o “sacramento da reconciliação universal”, a voz e a presença do Amor que desperta a humanidade para a urgência de um novo modelo de sociedade na igualdade, na

liberdade e na fraternidade. Por que guardar ressentimento ao ver que esses valores humanos e evangélicos eram gritados antes nas ruas do que nos templos? Por que deixar esses valores, descobertos pela consciência humana, se voltarem contra o cristianismo ou permanecerem ausentes das comunidades e movimentos cristãos?

Muitos santos e santas, especialmente fundadores e fundadoras, testemunharam a presença do espírito de Amor nesses difíceis momentos de ambigüidade histórica para a Igreja oficial.

Hoje, essa inspiração profética, animando os começos de ação, fazendo brotar os humildes triunfos da caridade sobre a inércia da cristandade e os desencontros das revoluções, resplandecem para nós como atitudes admiráveis, veneráveis, pedindo para ser continuadas e mesmo superadas. Levantam-se do chão da história como canteiros de promessas, como carradas de sementes confiadas às comunidades que haveriam de crescer, de adaptar-se e ter a plena criatividade no correr da história e no coração da Igreja.

O que hoje se chama de refundação vem a ser, antes de tudo, o olhar lúcido e carinhoso voltado para a coragem profética, evangélica, apostólica, para o gênio inventivo daqueles que veneramos, com razão, como os Pais e as Mães de nossas comunidades. A esperança da Igreja e a felicidade do mundo estão na audácia fervorosa da Vida Consagrada, marchando, cantando, contemplando, guardando e cultivando de suas origens carismáticas uma memória tanto mais fiel quanto mais criativa.

### ***Carismas e chances da Vida Consagrada na pós-modernidade***

Hoje, os desafios, os recursos para a boa vida dos privilegiados e as possibilidades de labutar e lutar pela vida digna para todos assumem outras proporções e muitas outras modalidades na pós-modernidade globalizada. A Vida Consagrada vê que se desdobram diante dela imensos caminhos convidando à criatividade, ao lado da velha tentação de instalar-se na comodidade repetitiva.

As instituições religiosas correm o risco de mal fazer na atualidade o que as comunidades faziam como o bem possível em suas origens. Com generosidade criavam obras de assistência e de amparo para crianças e jovens no contexto do capitalismo nascente em sua frieza egoísta da primeira industrialização.

Hoje, será que as mesmas instituições religiosas irão apenas realizar em seus quadros um simples progresso tecnológico? Vão contentar-se em transformar em empresas bem administradas e rendosas as obras e colégios que seus fundadores inventaram em boa hora para ir ao encontro da infância e da juventude, jogadas na lixeira já nos primórdios do economismo e do consumismo da modernidade dos últimos séculos?

Nada de pessimismo. Em bom momento, a Vida Religiosa foi finalmente acolhida e colocada no centro, no coração da Igreja, quando esta redefiniu positivamente sua própria identidade no Concílio Vaticano II, especialmente na constituição *Lumen gentium*.

Como Bento XVI lembrava em seu discurso comemorativo de 8 de dezembro de 2005, a Igreja se reconheceu e se apresentou como a comunidade da santidade e do amor. No Concílio Vaticano II, diz o papa, a Igreja se vê identificada com o modelo de Maria, toda de Deus, no total dom de si, bem mais do que com a linha de Pedro, pois seus indispensáveis poderes não são mais do que meios para encaminhar a Igreja à santidade e ao amor.

Nessa Igreja, agora enaltecida como sacramento da misericórdia de Deus e da reconciliação universal da humanidade, bem se vê o lugar privilegiado e mesmo central da Vida Consagrada. Pois ela é chamada a realizar e a irradiar o bem primordial comum a toda a comunidade eclesial e, de certo modo, a toda a humanidade. É a bela e exigente lição da constituição *Lumen gentium* sobre a Vida Consagrada, situada e exaltada bem no centro do mistério divino humano da Igreja (cf. cap. 6).

### ***Sedução salvadora da alegria e da sabedoria de viver***

Para além das primeiras hesitações e malgrado certas ambigüidades ainda persistentes, a Vida Consagrada vai-se

afirmando sem alarde como pessoas, equipes e comunidades de gente serenamente apaixonada pela vida. De fato, o Reino de Deus é Evangelho, Boa-Nova de quem descobriu a felicidade no alto da montanha e apostou na alegria de viver. Bem se vê, portanto, o que vem a ser o estilo de vida de quem se consagrou a esse Reino da felicidade pelos caminhos da santidade, da contemplação e da irradiação do Amor universal.

Somos incitados a lutar pela vida tão ameaçada e tão violada por todos os requintes da tecnociência, manipulada pela idolatria do prazer, do corpo, feito mercadoria pelos monstros frios da economia, os vendedores e compradores, dos bens e dos seres humanos. Mas a Vida Consagrada, como a Igreja, de quem ela é como que a ponta avançada na vivência e difusão do Evangelho da vida, não foi suscitada pelo Espírito de Amor para estar a serviço da polêmica, da controvérsia, menos ainda da caça de bruxas e de heresias. É no gosto de viver que a vida religiosa encontra sua inspiração, reencontra sempre o fôlego e a energia de afirmar-se e irradiar. É aquele saber e sabor, aquele conhecimento de experiência profunda que engendra e sustenta a contemplação, o louvor, a ação de graças. “Minha alma engrandece o Senhor e meu espírito transborda de júbilo em Deus, meu Salvador.”

A Igreja nos convida a haurir no Evangelho a coragem de testemunhar a grandeza, a dignidade intocável da vida, diante dos que a menosprezam, destroem ou comprometem de mil maneiras os humildes presépios, os pobres ambientes que a acolhem na sua fraqueza. Pois há tanta gente e mesmo povos inteiros dos mais ricos que a contaminam e põem a perder. Mas, sobretudo e antes de tudo, ela nos incita a contemplar as belezas da vida e do Artista Criador de todas essas maravilhas. “A alegria de Deus é a nossa força”, a alegria da contemplação de Deus, da admiração do Amor Universal que Deus tem a todos os viventes humanos. A força suave desse Amor há de tocar mesmo aqueles que ainda desconhecem a dignidade da vida, pois só a vêem em sua fragilidade, em suas formas menos vistosas, desprovidas de capacidade produtiva e mesmo apenas dispendiosas.

A Vida Consagrada, ainda uma vez, surge, se afirma e se difunde a partir da contemplação jubilosa e agradecida diante do dom e do Doador infinito e generoso da vida.

## ***Vida, feixe delicado de grandeza e fragilidade***

À luz de uma reflexão bem informada, especialmente de caráter pluridisciplinar, a vida humana se revela mais e mais como o pico a que tende e em que se realiza, em síntese delicada e maravilhosa, todo o universo.

Já nos seus começos, no embrião, ela surge e nos interpela como um código original e autônomo, como o elã de uma inteligência criadora na miudeza de uma célula totipotente, contendo e fazendo emergir uma personalidade, símbolo e síntese da Onipotência criadora. Daí surge o milagre vivo que se chama embrião, que encerra a unidade potencial e dinâmica de elementos biofisiológicos e psíquicos, interdependentes entre si e em relação interativa com o fecundo e maravilhoso universo materno, o primeiro e providencial ecossistema que o alimenta, mantém e ajuda a crescer.

Essa totalidade estrutural e ativa de elementos, essa humilde promissora pessoa embrionária já começa a estar em intercâmbio com as estruturas e o funcionamento da sociedade, que exerce sobre o desabrochar do ser humano uma influência multiforme de caráter positivo ou negativo.

Dada essa complexidade e multiplicidade de influências, revela-se hoje, de maneira dramática, a energia persistente e a precariedade extrema da vida, em sua gênese, em momentos ou etapas de crise, provocadas por sua fragilidade interna ou por desajustamento do meio ambiente.

A moderna biologia humana tornou imensa e tragicamente evidente a reflexão do velho Aristóteles: o ser humano é um animal que nasce prematuro. O recém-nascido humano é o ser mais desprotegido e desvalido, não podendo, ainda, assegurar sua sobrevivência, sua primeira alimentação e seus primeiros passos. Mas ele traz efetivamente em si a infinita riqueza virtual de toda a cultura e até promessas de imortalidade.

Esses dois pólos, a grandeza e a fragilidade da vida, apontam para a necessidade, cada vez mais urgente, de uma ética

de responsabilidade e de solidariedade. Esta se há de desdobrar em cuidados alimentares e educativos, médicos e sanitários, os mais eficientes e precoces, pedindo sobretudo um envolvimento carinhoso dos grandes necessitados, que são os pequeninos seres humanos.

Mais ainda: a humanidade tem tudo para começar a reencontrar o sentido divino e humano da criação, do universo que Deus fez e que havemos de conservar como o maravilhoso jardim, o ambiente disposto com toda a arte e fineza pelo Amor criador — para ser o ambiente propício e gostoso em que a vida desabrocha.

### ***Emergência de uma ética da vida ambiental e globalizada***

Estamos comemorando e revivendo este ano grandes momentos do despertar da consciência moral da humanidade em defesa da vida ameaçada.

Há quarenta anos, o grito de alarme do “Clube de Roma”, em 1968, foi como que um repique da Declaração Universal da ONU, vinte anos após sua promulgação. Os cientistas cumpriam, assim, o seu dever de advertir a humanidade. Interpretando a inquietação generalizada, uma equipe de sábios e especialistas de todo o mundo apontava para o grande impasse a que levavam a inconsciência e o deixar rodar a técnica, a indústria e o comércio à guisa dos interesses e das leis do mercado.

Era a oportuna insistência sobre a necessidade urgente de passar da utilização inconsiderada e danosa da razão instrumental, parcial e interesseira à perspectiva da razão plenamente universal, da sabedoria compreensiva e respeitadora da realidade preciosa, mas vulnerável, das coisas, da vida, do destino humano.

A emergência de uma ética ecológica globalizada vinha, portanto, prolongar o despertar das consciências e o amadurecimento da reflexão ética, cuja expressão emblemática era a Declaração da ONU. Há um intercâmbio de fatores positivos e negativos exercendo sua influência nas origens e no decorrer desse processo. A afirmação da dignidade da pessoa, do primado do bem geral da humanidade, a conde-

nação dos crimes contra a humanidade são realizações significativas e promissoras que assinalam o pós-guerra como um momento de lucidez, de avanço ético da humanidade.

Mas, como é normal em todo processo histórico, o ideal ético encontra o contrapeso do princípio de realidade, concretizado aqui pelo jogo de interesses que tende a tirar proveito das desigualdades, não hesitando em explorar os menos favorecidos, bem como as fragilidades e facilidades provindas de uma espécie de vazio jurídico e político no que toca à defesa do nosso planeta globalizado. No plano nacional e transnacional, o surto industrial, tão fecundo por outros aspectos, se põe a devastar e a desperdiçar os recursos e energias naturais não-renováveis, a entulhar e desertificar o solo, a poluir a terra, a água, o ar, desequilibrando os ecossistemas da vida vegetal e animal, e até mesmo a atmosfera e a estratosfera.

As possibilidades e a necessidade urgente dessa nova ética humana decorrem dos progressos imensos e cumulativos da ciência e da técnica nos campos da genética, da biologia humana, das intervenções preventivas, terapêuticas, eletrônicas, cirúrgicas, permitindo a modificação dos processos, dos ritmos, da duração e da qualidade de vida. Mas, igualmente, a destruição, a poluição, a desorganização do ecossistema, do meio ambiente, provocam o grande sinal de alarme: a vida humana e mesmo todo o conjunto da vida estão ameaçados de extinção.

Pois a confluência dos efeitos modificadores, poluidores, esterilizantes, produzidos e acumulados pela industrialização crescente, avassaladora e acelerada, a multiplicação e intensificação da comunicação e do trânsito, o consumo incontrolado de formas de energias, de combustíveis, de agrotóxicos, vão criando e acentuando a situação crucial e o maior desafio para uma vida digna do ser humano e mesmo para sua sobrevivência neste nosso planeta Terra.

### ***Inspiração humana e evangélica de uma ética planetária***

O surgimento de uma ética como despertar da consciência planetária assume uma dupla forma, cuja sinergia é uma

garantia de vitalidade, de êxito pleno e duradouro. Primeiro, ela brota como reação espontânea das consciências, como inspiradora de ação e de mobilização ampla, cada vez mais universal, para uma ação refletida e esclarecida. E também, por outro lado, ela já encontra uma formulação elaborada vinda de pensadores sensíveis aos novos desafios da globalização.

A ética ecológica surge, então, como fenômeno vivido, como uma tomada de consciência do valor da vida, na sua universalidade, na sua maravilhosa diversidade e harmonia. Mas ela encaminha ou pelo menos pode encaminhar à visão holística e transcendente de um cosmo que é como que o desabrochar do pensamento divino. Ela vai ao encontro da mensagem evangélica, na medida em que vê o mundo como paraíso que vem de mais alto do que a capacidade racional e criativa do ser humano, mas por um Amor primeiro que a ele é confiado como objeto de cuidado e carinho.

Saber cuidar é o bom começo e a promessa de uma nova aurora da humanidade inserida no mundo e chamada a elevar e transfigurar o mundo. É a fonte da cultura das coisas e das mentes. Quando grupos, movimentos e até partidos políticos começam a fazer do verde o seu estandarte e o seu programa, não se trata de uma moda superficial ou de uma moda passageira. Não são apenas proezas que merecem destaque, por oporem-se aos desperdícios e poluições de toda sorte, que vimos surgir como distorção desastrada de uma industrialização ainda falha de racionalidade.

Assim, já à luz da fé, religiosos e religiosas têm razão de não ver a consciência ecológica apenas como um aspecto importante da moral humana hoje. É a ética se realizando como energia salvadora do Amor, ressurgindo no coração dos humanos e nas entranhas da criação. É o elã recriador, reconciliador, pacificador do Espírito, que vem neutralizar as forças negativas do egocentrismo individualista e consumista.

A ecologia é a alma de nossa civilização, que começa a sentir o gosto da Transcendência.

Do seu triunfo no íntimo das consciências e da eficácia das leis e instituições depende não apenas a sobrevivência, no pla-

no biológico ou fisiológico; mas ela tem também imanente em si uma dimensão espiritual, uma disponibilidade a abrir-se ao Amor divino, assumindo toda a vida da humanidade.

É uma grande esperança a elaboração ética progressiva dessa intuição ou desse instinto superior, que é o “saber cuidar” de nossa casa, de nosso jardim, de nossa cidade e de todo o universo. Vai encontrando certa ressonância na opinião pública e, infelizmente, com alguma lerdeza em nossas Igrejas. Era de esperar, o despertar da consciência humana e cristã é mais lento do que o desejado, em virtude da concorrência feroz e desleal vinda dos movimentos inspirados pela facilidade e a sedução do consumismo e do erotismo generalizados em convivência com o individualismo das devoções e espiritualidades sentimentais que alienam as religiões hoje.

Pois, na verdade, a atitude autêntica de que a humanidade precisa e que o Evangelho há de inspirar ao mundo da tecnologia tem a grandeza do que se pode chamar ao mesmo tempo bioética, socioética, cosmoética. Ela quer ser a resposta lúcida, justa e solidária ao desafio da globalização, entendida como o desenvolvimento universal e total da humanidade, assumido pela inteligência, em todas as suas formas de saber e de sabedoria, bem como pela liberdade em suas modalidades sociais e criativas de responsabilidade e de co-responsabilidade.

Como não nos solidarizar com a humanidade que encontra os caminhos para tornar viável sua vocação à transcendência? Depois de certo apego a uma inteligência instrumental, limitada, interesseira, que marcou uma espécie de adolescência coletiva e histórica da humanidade, sobretudo ocidental, esta vai-se abrindo, agora, à sabedoria abrangente e generosa, à perfeição holística do conhecimento. Tal sabedoria se servirá do saber técnico e científico para guiar a ação, a previsão e a organização da vida em sua marcha histórica, em sua comunhão harmoniosa e em sua busca de felicidade na história e para além da história.

Essa ética universal, holística, de fraternidade respeitadora e criadora da vida se há de concretizar em uma responsabilidade igualmente universal, diferenciada e compartilhada por todos.

Todos serão responsáveis de maneira solidária, mas cada um assumindo seus espaços de ação e entrosando seu agir com a iniciativa e a participação do seu vizinho. A minha liberdade não acaba onde começa a liberdade do outro, mas com ela se articula para juntos trabalharmos para o bem de todos.

### ***Vida Religiosa, criatividade bioética e ecológica***

A Vida Consagrada está e deve estar cada vez mais no centro de uma nova ética, de uma nova mística, para ser energia criadora de uma nova era da humanidade.

Sem dúvida, a ética ecológica, como toda atitude ou doutrina éticas, se enraíza, antes de tudo, na convicção pessoal. É uma luz e uma força renovadoras que brotam da consciência. No entanto, a consciência, embora tenha sua autonomia, não é uma ilha, sem comunicação e fora de toda a influência. Muito pelo contrário, fala-se, com razão, de “comunhão das consciências”, de um vaivém de contatos e relações, que a mídia vem alargando e intensificando. Assim, a ética aparece como o bem comum mais precioso da humanidade, ao mesmo tempo que a corrupção moral e a futilidade amoral irrompem como maiores flagelos da civilização.

A mística da terra, o zelo pela preservação e defesa do meio ambiente podem e devem ser o ponto de encontro de uma ética concreta e efetiva. Nela, homens e mulheres de raças, religiões e culturas diferentes poderão fraternizar, entendendo-se no convívio silencioso das coisas ou na linguagem primordial dos viventes sem palavras. Mais ainda: ela será a alma, a fonte de inspiração saneadora e unificadora no coração da globalização econômica, industrial, turística. Este nosso planeta unificado será, assim, preservado da estreiteza do utilitarismo interesseiro. A sabedoria nos levará a colocar boa parte de nossos recursos, de nossas pesquisas, de nossa criatividade a serviço de uma “nova terra”, de “novos mares”, de “novos céus”, mais puros, mais belos, mais aconchegantes, como fontes primeiras da vida e da nossa alegria de viver.

Com muito idealismo e com todo realismo, não estaríamos, então, construindo a sonhada Nova Era para uma nova humanidade reconciliada, fraterna e feliz? Não é para essa missão exaltante que somos consagrados ao Pai e aos irmãos e irmãs, no “culto em espírito e verdade”, neste vasto templo da criação?

### ***Por uma estratégia ética viável a curto, médio e longo prazo***

Surge a questão radical de que depende o futuro humano: essa ética indispensável, visando à preservação e promoção da vida, seria viável? A resposta não depende apenas de uma consideração teórica, mas sobretudo de um compromisso prático, imediato e geral. Não se pode esconder o risco terrível de se chegar tarde demais. A esperança de superar esse risco fatal significa uma mobilização de todos os protagonistas, de todos os recursos e em todos os planos do agir humano.

Essa estratégia ética viável e eficiente pode ser resumida nos seguintes pontos:

- Ela deve partir logo do que é mais urgente, de um despertar imediato das consciências e de um projeto de ação organizada, abraçando todos os cidadãos em todos os planos da vida pessoal, familiar, social e política.
- Para obter um consenso real e eficiente em torno desse projeto ético, é necessário conciliar valores éticos, de caráter universal, e os interesses particulares, que constituem a motivação mais ampla e atuante da população.
- Semelhante despertar e tal projeto de ação supõem um plano e uma prática de educação, que prolongaria a educação ativa e solidária de Paulo Freire.
- O plano de educação compreenderia as instâncias e os patamares da educação institucional e uma educação permanente, por todos os meios da mídia e orientação da sociedade.
- Toda essa estratégia ecológica estará dependendo de uma vontade política animando os governos, galvanizando a opinião pública e as diferentes formas de organização partidária, profissional, sindical e cultural de cada país e

do mundo inteiro. Ao mesmo tempo, ela terá de suscitar e orientar a política, sobretudo a política econômica, educacional e sanitária.

Em comunhão com toda a sociedade, bem se vê o lugar eminente que cabe à vida religiosa nesta busca de modelos operacionais de aplicação dos paradigmas de ecologia e bioética.

A ecologia e a bioética surgem, hoje, como o coroamento e a exigência do pleno desenvolvimento do ser humano, que vai reconhecendo uma vocação no mais profundo de si mesmo. Ele toma consciência de que foi “criado criador”, na expressão do filósofo Henri Bergson. Ele se vê investido de uma providência, equipada pela inteligência, pela ciência e pela técnica. Ele há de crescer em uma sabedoria ética, vivendo na ação de graças pela dignidade, pela responsabilidade e pela solidariedade. Tal é a sua vocação de amor à vida, na guarda e cultivo desse maravilhoso planeta, de que desde as origens o casal humano é pequeno senhor, na dependência e na aliança com o grande Senhor, criador da vida e fonte do amor.

Está aí a compreensão humana e a inspiração evangélica dos paradigmas éticos que convém analisar em suas grandes propriedades, especialmente em sua urgência, em suas exigências de aplicação imediata e constante.

É a hora de saber discernir e praticar modelos operacionais em um processo de educação pessoal, global e permanente.

O modelo prolonga a perfeição racional do paradigma e traduz suas exigências no plano da decisão e da ação. Ele significa a disposição e a boa adaptação das diferentes etapas da ação, em vista de responder aos desafios da situação e da conjuntura social. A ação eficaz, verdadeira modificadora das condições da civilização e da cultura, não se improvisa. Ela pede esse empenho livre e responsável, que se concretiza no modelo, atento à realidade, convenientemente analisada, às possibilidades da ação, aos recursos e aos meios disponíveis.

Sobretudo no campo da bioética, tão marcado pela complexidade e pela flexibilidade da ciência e da técnica, o mo-

delo operacional comportará um grande apelo à instrução e à experiência, à ação e à reflexão sobre a marcha da ação, sobre seus êxitos, progressos e fracassos. Como lembra o preâmbulo da Declaração Universal da ONU, a propósito dos direitos humanos fundamentais, mais ainda para a bioética, faz-se necessária uma educação intelectual e moral, desde a infância e estendendo-se, de maneira permanente, a todas as etapas da vida e atingindo todas as camadas da sociedade.

Dados os retardos e até mesmo os desvios que marcam a mentalidade geral e a opinião pública, o que se exige, hoje, é uma verdadeira “educação libertadora”, prosseguindo e intensificando a preciosa contribuição de Paulo Freire. Só assim poderá triunfar um paradigma autêntico de bioética, tornando-se fecundo em modelos operacionais, eficazes a curto, a médio e a longo prazo.

### ***Ética sistêmica para enfrentar um mundo sistêmico***

A sociedade moderna se estrutura como um grande sistema, formado por uma rede imensa de sistemas.

Dentro do sistema cultural, as ciências, as pesquisas médico-biológicas, com suas instituições, suas técnicas, com seus recursos e fontes de financiamentos, constituem outros tantos sistemas particulares e conexos, cada vez mais complexos e custosos.

Algo de semelhante se passa com a ética, portanto com a bioética. São sistemas de pensamento, empenhando a razão teórica e a razão prática. Estruturam-se assumindo os valores, as normas, os modelos de decisão e de ação.

Evoquemos a definição do sistema social em vista de confrontá-lo com o sistema dos valores éticos e analisar as condições de seu encontro e de seu entrosamento. O sistema surge e se define como *a conjunção permanente e organizada de agentes e fatores, em uma convergência harmoniosa de atividades e de energias, de meios e técnicas, visando a maior e a melhor obtenção de objetivos, analisados e determinados com precisão.*

O sistema exclui a imprevisão, a improvisação, o amadorismo e toda espécie de hesitação ou imprecisão no que toca aos objetivos e aos meios de visá-los e atingi-los, às funções

respectivas dos agentes, à coordenação ou à subordinação das diferentes instâncias e aos planos de ação ou relação.

Um dos aprofundamentos exigidos para a eficácia do magistério da Igreja diz respeito a esse ponto. Esse ensinamento é apresentado em um conjunto doutrinal que não entra na análise das realidades sociais. Leva em conta as formas de pensar e de agir, sem dar atenção aos sistemas sociopolíticos, econômicos, culturais e comunicacionais, que alimentam, sustentam, orientam as mentalidades e ideologias, ao sabor dos objetivos e interesses coletivos desses mesmos sistemas.

Para alcançar uma verdadeira eficácia no plano da orientação e da modificação da sociedade, não basta visar à honestidade e à correção de cada pessoa isolada. É necessário que os membros de cada organização social tenham consciência de seus deveres profissionais. Mais precisamente, hão de estar atentos à qualidade de suas funções específicas e de sua contribuição à estruturação e ao funcionamento dos micros e macrossistemas a que pertencem.

Somente a partir e através de ações organizadas e seguidas dentro dos sistemas é que se pode modificar o sistema global, seja em suas qualidades técnicas, seja em suas qualidades éticas. Assim, consumidores e consumidoras, organizados, podem exercer uma influência crítica e construtiva no sistema econômico. Igualmente, os acionistas conscientes e unidos em uma associação permanente podem exercer uma ação nas próprias decisões de uma sociedade anônima, até mesmo de extensão transnacional.

Convém insistir: somente uma ação de caráter sistêmico pode exercer uma influência, profunda e duradoura, em um sistema. Falamos, portanto, de modelos sistêmicos, visando à aplicação de paradigmas sistêmicos. Temos de entender os sistemas, em paradigmas ajustados de análise da realidade, e havemos de utilizar modelos sistêmicos que adaptem nossa ação e venham inserir nos pontos de decisão e de orientação dos sistemas.

Tentando afinar ainda mais nossa reflexão, distinguiremos ações e relações intra-sistêmicas, isto é, exercidas no interior de cada sistema por seus próprios membros, e ações e relações inter-sistêmicas, a saber, dos sistemas agindo uns sobre os outros, por vias de interesses, de solicitações ou de pressões.

Os modelos de ação só serão eficazes nos campos da ecologia e da bioética se revestirem essa dupla modalidade, intra-sistêmica e inter-sistêmica, de presença e de influência, animadora ou saneadora, nos hospitais, nos laboratórios, nas empresas industriais e financeiras do amplíssimo setor da vida e da saúde.

### ***Antecipando a civilização do amor, abrir os rudes caminhos da ética mundial hoje***

Convém distinguir um duplo critério de prioridade, quando se trata de escolher e dispor nossos modelos operacionais nos campos da ecologia e da bioética. A solidariedade universal e organizada tem de abrir ou prosseguir em várias frentes de ação, a curto, a médio e a longo prazo.

A curto prazo, e mesmo imediatamente, cumpre atender ao mais urgente, à extrema necessidade dos enfermos e desvalidos, através de medidas e de planos de emergência. É verdadeiro crime contra a humanidade nada fazer para salvar tantos miseráveis, sob pretexto de que a própria economia, com a superabundância dos ricos, mais cedo ou mais tarde, trará soluções à penúria crescente das classes pobres.

É verdade que algo se faz e se busca em termos de bioética, mesmo nos países e sistemas animados primordialmente pelo utilitarismo econômico.

Todo sistema social tem uma ética que lhe é imanente, que constitui um mecanismo de defesa contra os abusos e a corrupção generalizada que ameaçam a sobrevivência ou, pelo menos, a prosperidade do próprio sistema. Nesse sentido, há certo tipo ou certos tipos de bioética que se aparentam com os códigos e normas de deontologia médica e visam a preservar as pesquisas, os laboratórios e as indústrias biogênicas, evitando os excessos e escândalos que prejudicariam os negócios e suas intrincadas e custosas maquinarias.

Não se deve desprezar esse aspecto realista de nosso mundo, que aposta, antes de tudo, na economia e tem em grande conta a opinião pública, bem como os julgamentos de valor de quem tem poder aquisitivo. Tudo o que se pode conseguir de imediato, no sentido de conter abusos, desvios e excessos, há de ser tentado por meios lícitos dentro dessa civilização de negócios e compromissos.

Há, portanto, modelos operacionais, inspirados pelo critério da prioridade de urgência, que devemos de adotar e aprimorar. No entanto, o paradigma, verdadeiramente humano e evangélico, da bioética inspira modelos operacionais, a médio e longo prazo, visando criação e liberação de recursos, formação em número cada vez maior de profissionais e especialistas da pesquisa fundamental e aplicada, da biologia humana e da engenharia genética.

Esses modelos operacionais não de integrar-se em projetos de conscientização e mobilização da humanidade, visando fazer recuar os flagelos das epidemias e das enfermidades ainda incuráveis e assegurar a todos aqueles direitos fundamentais à saúde, de que fala, como promessa longínqua, a Declaração Universal da ONU e outros documentos idealistas, a mais bela herança recebida do milênio passado.

É preciso e urgente optar pela ação realista, indo do que já é possível para ampliar os espaços de uma ética mundial na consciência e nas relações de toda a humanidade.

Na ação de graças, vemos surgir como esperança, no horizonte da história, ao menos os primeiros sinais de novos céus e de nova terra, a ditosa civilização da vida e do amor.

Em comunhão com toda a Igreja de Deus e bem no coração da humanidade, não seria esse o belo ideal humano e divino de que a Vida Consagrada quis sempre ser o anúncio? E mais ainda: em suas instituições, mesmo precárias, e em seu elã sempre a renovar, o dia-a-dia de nossas comunidades não seria a amostra da viabilidade dessa nova criação, embora em modelos singelos e militantes de antecipação?

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Fazendo um paralelo entre o quando da fundação das congregações e hoje, que dificuldades apontamos no início e no hoje da realidade social globalizada?
2. Onde a VR encontra sua inspiração, reencontra o fôlego e a energia para afirmar-se e irradiar-se?
3. Que leitura fazemos da ética ecológica?

## A educação em debate. Duas profissões impossíveis: educar e governar<sup>1</sup>

WILLIAM CÉSAR CASTILHO PEREIRA\*

Considero o dispositivo da formação religiosa o *locus* onde se realiza o exercício de duas profissões impossíveis: educar e governar. O primeiro diz respeito ao significativo do saber, enquanto o segundo relaciona-se com o poder.

Vejo os atos de educar e de governar como que investidos de um papel de enorme importância no cenário contemporâneo da civilização. Os temas são nevrálgicos para qualquer instituição, mais ainda para aquelas cujo objetivo é a evangelização, a implantação do Reino de Deus, no melhor sentido que ele possa ter. E os religiosos e as religiosas sabem disso?

1. Dedico esse artigo à memória de minha amiga, irmã Maria Carmelita de Freitas, que durante toda a sua vida soube educar e governar.

\* **William C. C. Pereira** é Doutor pela UFRJ. Psicólogo clínico. Analista institucional. Membro da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB-Nacional. Professor da PUC-Minas. **Endereço do autor:** Rua Lavras, 935/502, bairro São Pedro, cep 30330-010, Belo Horizonte-MG. Tel.: (31) 3227-7357 – Cel.: (31) 8452-23 31 ou 8401-8730. E-mail: williamccastilho@uol.com.br.

### ***A dureza da realidade, de hoje, de educar e de governar***

Temos vivenciado um momento de transformações tão profundas e abrangentes que parecem caracterizar uma verdadeira mudança de época. Defrontamo-nos, cada vez mais, com situações de tal modo complexas que se torna imprescindível avançar em sua decodificação para compreendê-las e sobre elas atuar.

Tais avanços e, conseqüentemente, os resultados deles decorrentes apontam para a necessidade de uma revisão de pressupostos e referências vigentes nos diversos campos do saber, do poder e do fazer humano. Sabemos que, quando entram em ebulição antigas balizas, surgem novos modelos de referência nos âmbitos político, social, econômico, artístico-cultural, psíquico, lingüístico, religioso, científico, tecnológico etc.

Caracteriza-se esse rito de passagem — processo de desconstrução e construção — como a crise dos paradigmas. Esse processo explica a diversidade de novos modelos, teorias e instrumentais, sobretudo quanto à forma de educar e governar.

Os religiosos e as religiosas, em sua maioria, sabem que o mundo está e vai continuar sofrendo mudanças vertiginosas e profundas. Portanto, a construção ou revisão de um projeto de formação na Vida Religiosa pressupõe o conhecimento das grandes transformações globais contemporâneas e, de forma especial, do segmento jovem da sociedade brasileira.

É à luz da conjuntura mundial e regional que se deve discutir o significado da experiência de educar e de governar na formação religiosa. Afinal, o processo de formação não se resume apenas ao enfoque religioso, mas se constitui de uma mistura de enfoques: psicológico, sociocultural, político, econômico e institucional. Pensemos em diversos fundadores criando uma Vida Religiosa hoje, apenas para exemplificar: como seriam os pressupostos do ato de educar e de governar na formação religiosa?

Assim se expressou um formador:

Que valor tem aos jovens de hoje as cerimônias sagradas? Desconfio que seja um valor puramente estético e emocional. Muito pano, muitos gestos e muita pompa. Nada mais. Querem curtir o momento belo e emocionante. No dia da cerimônia de ordenação dedicam o máximo de cuidado no visual e em registrar tudo com fotos e vídeo.

A formação, para mim, hoje, é consequência do tipo de Igreja que nós queremos. Qual o tipo de grupo que nós queremos? Depende da interrogação que cada um tenha. Ah! Eu quero este tipo de Igreja, eu quero este tipo de grupo, de Congregação, eu quero este aspecto de Vida Religiosa. Então, de acordo com o desejo. Como não está muito claro que tipo de Igreja queremos, que tipo de Congregação eu quero, por onde vai a Vida Religiosa, os que estão na formação, eu realmente aplaudo. É um caso muito complicado. Temos de perguntar-nos em profundidade: temos medo de mudar? Por onde vai a Vida Religiosa? Qual é a formação que temos de dar? Tem de estar dentro dos cânones que a Igreja estabelece e cada dia pior? Então, é complicado! Realmente, eu não tenho uma opinião muito clara de como seria o sentido da Vida Religiosa, mas a primeira coisa é que tipo de Igreja nós queremos.

É evidente a lógica desse raciocínio. A Congregação não existe isoladamente na Igreja. É um *carisma* posto a serviço da evangelização. Obedece a princípios maiores.

Às vezes, a incerteza, a desconfiança na Igreja, o não saber se ela quer ou não obedecer aos sinais dos tempos, se ela quer ou não ser luzeiro, leva a pensamentos e sentimentos que, se infundados, poderiam parecer paranóicos. A consideração da Vida Religiosa qual prática radical do Evangelho é outra fonte de dúvidas. Sabe-se que é assim. Não se sabe como chegou, onde se está e se existe a vontade de retomar as inspirações iniciais.

Eu vejo que esse projeto está falido. Por quê? Se nós avaliarmos a história ao longo da Vida Religiosa da Igreja, quem foram aqueles que deram esse passo de vida radical, consciente, dentro dos princípios dos evangelhos e que estão contidos nas nossas constituições, nossa Regra e tudo mais? Foram pessoas acima de trinta anos, que passaram por um processo de vida, de experimentar muitas coisas, de sentir o mundo, e depois se converteram, descobriram outros valores e se converteram e realmente entregaram a sua vida em função daquilo em que acreditavam.

O pouco sentido da Vida Religiosa para os dias de hoje, como ela se apresenta, seu quase insignificante anúncio das realidades futuras, faz nascer expressões de desespero:

Acho que estamos adiando a morte com anestésico. Em nível de formação para a Vida Religiosa, a gente vai percebendo que não é uma questão do nosso grupo, é uma questão de realidade, de Igreja, de Vida Religiosa. Parece que a gente está fazendo uma opção de vida para uma coisa que não responde mais. É preciso mudar essas estruturas de formação, é preciso repensar a Vida Religiosa, é preciso fazer ver critérios novos e acompanhar o ritmo do mundo.

Há detalhes na vida da Igreja que, corajosamente, precisariam ser revistos, sem prejuízo algum para o anúncio da Boa-Nova.

A minha preocupação é que a crise não está na formação, está em saber o que queremos, para onde vai a Vida Religiosa, para onde vai o sacerdócio, para onde vai a Igreja. Eu não estou

vendo nada claro, nada, nada claro. Então, se eu não vejo nada claro, a formação eu não vejo como possa ser feita. A tristeza, o desânimo, a angústia e o sofrimento vêm pairando sobre sujeitos e o cotidiano da Vida comunitária Religiosa neste início de século XXI. O sofrimento está associado ao desgaste físico, emocional, à perda de importância e *status* perante a sociedade, ao envelhecimento, à diminuição de vocações, à pouca presença em meios populares, na linha de frente lutando pela justiça e o declínio da dimensão mística e profética.

Fala-se de uma crise do “bom samaritano desiludido”, ou da “síndrome de *burnout*” no meio religioso. Esse sintoma é marcado pela exaustão e pela desmotivação dos(as) religiosos(as) que se dedicam ao trabalho na Vida Consagrada, mas que não se sentem gratificados. Tal fenômeno potencializa-se pela sobrecarga de trabalho repetitivo, sem criatividade, repleto de frustrações geradas pelo contato com os paroquianos, os insucessos pastorais e missionários, as dificuldades de relacionar-se e de conviver com o(a) colega de comunidade. Observa-se, também, que esse quadro é, contemporaneamente, agravado pela baixa-estima, pelo baixo *status* da profissão religiosa, pela redução do sentido de pertença comunitária, pelo grave contraste entre os valores pessoais e aqueles exigidos pela instituição religiosa.

O diagnóstico de “síndrome de *burnout*” é bastante específico, mas suas características talvez nos permitam refletir sobre certo sentimento de desesperança que se abate, hoje, sobre uma parte de religiosos e religiosas, principalmente aqueles que trabalham com a formação. As causas mais citadas nas entrevistas realizadas por nós, em recentes pesquisas, são: a escassez de vocações, a desistência de companheiros e companheiras, a dificuldade em dar seguimento aos projetos de formação, a ausência de participação efetiva de formandos e formandas no processo de formação, os entraves na vida comunitária, o recalçamento da dimensão afetiva, a ausência de criação de novas formas de Vida Religiosa e o afastamento do carisma missionário e da espiritualidade.

A despeito dessa realidade dura, o esforço para manter vivas a Igreja e a Congregação faz com que muitos se dediquem, entusiasmadamente e com êxito, ao processo de for-

mação das novas gerações e à manutenção daquelas que, no trabalho dedicado, insistem em crer “contra toda esperança”. Ou de outros que lutam e dos quais parece ser possível dizer como, então, se dizia dos primeiros cristãos: “Como eles se amam!”, a despeito de toda dificuldade, a despeito do movimento cultural que a pós-modernidade tem trazido, marcadamente individualista e consumista.

Além disso, é admirável outro fruto da formação que enxerga o Reino de Deus de forma mais ampla: “Como vejo o fruto da formação? Eu o vejo muito bom, muito bom. Primeiro, porque ficam poucos: não me importa muito isso. Segundo, porque analiso onde estão os que saíram e vejo que são autênticos líderes, gente bem formada, gente com sensibilidade social, que nós formamos”.

### ***Quem são os(as) novos(as) jovens candidatos(as) à Vida Religiosa?***

As nossas vocações têm sido trabalhadas em ambientes rurais... Agora, começa-se a trabalhar as vocações das nossas paróquias. Que eu tenha consciência, apenas três padres saíram dos nossos colégios... para o clero diocesano. Ou seja: com a classe média, com a classe média alta não se tem trabalhado as vocações.

Em pesquisa<sup>2</sup> recente, realizada sob minha coordenação, constatei que a maior parte dos pais de religiosos e religiosas entrevistados(as) eram trabalhadores rurais (61%), o que coincide com a origem rural ou de cidades pequenas dos respondentes, como vimos no depoimento anterior. Quanto ao grau de instrução dos mesmos, nota-se que a maioria (64%) tinham até a quarta série do primeiro grau completa ou incompleta, baixo grau de instrução, o que é acentuado com o percentual de 7% de analfabetos.

Esses dados (profissão e escolaridade) reforçam a origem humilde de grande parte dos(as) religiosos(as) entrevistados(as), uma vez que as estatísticas comprovam que o grau de instrução reduz nas classes sociais brasileiras mais baixas.

2. Pesquisa socioeconômica cultural e religiosa realizada sob minha coordenação, em outubro de 2006, para uma Congregação religiosa.

Entre as mães dos(as) religiosos(as) entrevistados(as), 56% eram ou são donas de casa, seguidas por 20% de trabalhadoras rurais. O número de mulheres que trabalhavam fora nas famílias dos respondentes, portanto, é bem menor que o número de homens, aspecto comum nos meios rurais e pouco urbanizados, uma vez que o trabalho feminino é uma conquista típica dos centros urbanos da modernidade. Além disso, o baixo grau de instrução das mesmas coincide com as taxas observadas entre os pais dos(as) religiosos(as).

No Brasil, segundo o censo de 2004, cerca de 8% da população era analfabeta. Isso quer dizer que os pais dos(as) pesquisados(as) na pesquisa apresentam percentual de analfabetismo próximo a esse dado. Além disso, o maior percentual de indivíduos que estudaram apenas até a quarta série expressa uma realidade comum entre as populações de zonas rurais e pequenas cidades, em que as crianças, após os primeiros anos de vida escolar, abandonam os estudos fundamentais pelos mais diversos motivos, como distância, falta de escolas, fatores financeiros e outros.

Quanto à realidade socioeconômica dos(as) respondentes antes de entrarem para a Vida Religiosa, percebe-se que 56% das famílias eram consideradas pobres, seguidas por 43% de famílias remediadas ou de classe média e 2% de famílias consideradas necessitadas. Não há, entre os(as) respondentes, quem se considere proveniente de família rica.

Haverá nessas palavras alguma conotação de tristeza, de insatisfação? Elas podem ter algo a ver com a percepção que, hoje, se tem dos(as) novos(as) candidatos(as).

A garotada, hoje, é muito diferente da nossa época. Mas em que consiste ser diferente? A gente não sabe especificar bem. É uma coisa mais *light*, parece que falta mais firmeza, determinação, mais compromisso, porque esses eram os valores que se colocavam na formação de um tempo atrás. As turmas de uns dez anos atrás eram muito mais combativas, enfrentavam, havia brigas homéricas com os formadores e até mesmo com os superiores e tal. Hoje isso não acontece. Então, realmente, há um grupo que abaixa a cabeça e depois faz o que quer, como pode. Isso sem falar também que se desenvolvem outros valores, outras atitudes

que, às vezes, em outros ambientes, não teriam desenvolvido. São de classe pobre, para não dizer miserável. Que não comeram direito, que não tiveram uma vida sustentável, não tiveram pai ou não tiveram mãe. Sofreram agressões físicas, psicológicas, morais, na infância. Quem são essas pessoas que chegam? E que, de repente, da noite para o dia, se tornam “seminaristas”. Se eles nem sabem ainda quem são eles, nem tiveram uma história que eles consigam contar verdadeiramente... Eles chegam famintos de comida, eles chegam sem agasalho, eles chegam sem sapato, eles chegam sem escova de dente, sem sabonete. Então, a formação tem de começar por aí. Saber quem está chegando. E ter uma profunda *compaixão* pelos que chegam.

### ***A motivação dos(as) jovens candidatos(as)***

Atreladas à origem dos(as) candidatos(as) estão as motivações que os levam a buscar a Vida Religiosa Consagrada.<sup>3</sup>

Eu me pergunto o que é que faz um rapaz de 18, 20 anos, querer ser padre? Me parece que ainda nesse universo em que eles estão é algo que simbolicamente atrai, que dá uma certa autoridade, uma certa aura em ser religioso, de poder. É uma figura que ainda no interior o padre tem. Uma certa respeitabilidade. Hoje em dia, as novas gerações vêm com uma visão do padre que realmente reproduz este estilo de estrela, de visível nos meios de comunicação.

Difícilmente o jovem vai almejar o sacerdócio pelo testemunho do nosso trabalho. Almejam o sacerdócio porque vêem na televisão o padre Marcelo, com um terço na mão, gritando Jesus, Jesus, Jesus.

Muitos jovens também pensam que procuram a Vida Religiosa como uma saída, um refúgio por nunca ter tido uma namorada, porque não tiveram um relacionamento que deu certo. Procuram por uma frustração que não deu certo e acham que lá é o seu refúgio. Pensam que lá podem suprir essa “falta” e a formação, talvez, até ajude a camuflar aquilo enquanto se ordena. Então, da parte deles, o que eu vejo que atrai num primeiro momento é essa dimensão do companheirismo, essa dimensão do próprio sagrado que é veiculado pela mídia... Pelo acompanhamento do pessoal da faculdade, eu vejo que as grandes dificuldades estão na área afetiva. Às vezes me dá a impressão que os seminários

3. Recomendo consultar o seguinte livro que escrevi sobre o tema: *A formação religiosa em questão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

estão se enchendo de pessoas que estão se refugiando dentro dos seminários, porque, às vezes, na sociedade, não encontram um espaço maior. Parece que são pessoas inseguras, frágeis, que imaginam que não vão dar certo na sociedade...

Não se sabe da objetividade de tais afirmativas relativas às motivações. De qualquer forma, são insuficientes. Se verdadeiras, o processo formativo não pode ignorá-las, mesmo porque muitos acreditam que não há chamado vocacional puro. É perfeitamente possível que exista, junto ao chamado de Deus, outras motivações, como segurança afetiva, econômica, social e intelectual. O desafio é trabalhá-las e elaborá-las a serviço do Reino de Deus.

### ***Os formadores e as formadoras***

Os recursos humanos, ou o capital humano e, mais contemporaneamente, os talentos humanos são o fator-chave do êxito das instituições. Naquelas cuja missão é “um compromisso de evangelização na Igreja e na sociedade, em vista da transformação como serviço ao Reino”, a exigência de pessoas absolutamente capacitadas se faz maior ainda. Qual é o investimento afetivo, intelectual e financeiro que a Congregação dispõe para a formação e a capacitação dos formadores e das formadoras? De fato, o Reino mais se implanta pela postura daqueles que o anunciam do que por qualquer outra forma.

Tratando-se da formação de pessoas nas instituições, é necessário superar um crasso erro a respeito da matéria. O processo de educar e governar não é competência exclusiva de um(a) coordenador(a) ou de uma equipe de pessoas. A formação, sobretudo de uma comunidade educativa religiosa, é obra de todos os membros da comunidade: religiosos(as), leigos(as), professores(as) e funcionários(as). Ou todos(as) os(as) educadores(as) se jogam de corpo e alma nessa tarefa, através da permanente acolhida dos mais jovens, em palavras e atitudes, ou todo um esforço feito nas casas de formação pelos(as) formadores(as) pode vir a ruir, também através de simples palavras ou atitudes.

Não são só os formadores, não é só o promotor vocacional que deve preocupar-se. Se nós somos uma comunidade, um grupo, que temos os nossos sonhos, os nossos ideais, a gente precisa pensar em conjunto. E precisa, também, uma maior disponibilidade dos confrades em relação à formação, porque ninguém quer assumir a formação, hoje, na Província. Por isso que acaba que estão repetindo, nas etapas de formação, as mesmas pessoas. Eu percebo que no grupo há uma divisão muito grande: há os formadores e o restante do grupo. E esses não conhecem a formação.

A maioria dos(as) formadores(as) que assumiu essa função é jovem, e quase todos declaram que não se prepararam intelectual, espiritual e afetivamente para exercê-la. A capacitação para ser formador(a) não é obra do acaso. É necessário capacitação específica, adquirida com o estudo e a experiência de vida, com o trabalho feito consigo mesmo e em grupo, num esforço de aprimoramento e maturidade. Pessoas imaturas, na função de formadores(as), costumam ser um desastre.

Formadores(as) devem ser pessoas capazes de perceber os conflitos e o não-dito, aquilo que os(as) formandos(as) recalcam, e trabalhar de forma tranqüila. Depois vem a questão da consciência crítica, uma visão de Igreja mais libertadora. Não adianta alguém cheio de ternura com uma visão de Igreja muito conservadora. Nem adianta, também, alguém muito avançado em uma consciência de Igreja libertadora, mas inapto no relacionamento humano. Quem está na formação tem de ter, também, espiritualidade consistente e experiência pastoral. A formação precisa trabalhar a idéia de amor pelos pobres, entrega, compromisso com a justiça social e a política cidadã.

A função educação é complexa em si. Já se disse da enorme dificuldade de não se saber, com clareza, para o que formar. Além dessa inerente dificuldade à educação, existe uma ambivalência relativa ao(à) formador(a), de quem, às vezes, se pede uma coisa, às vezes outra. Ora o(a) querem exigente, enérgico(a), cheio(a) de autoridade. Ora esperam dele(a) compreensão, mansidão, paciência. Que seja bom(boa) administrador(a) de conflito, de relacionamento fácil,

acolhedor(a); não poderá deixar de ser dotado(a) de muito senso crítico, de ser praticante de uma teologia libertária, adquirida na experiência de Igreja, na missão e na pastoral. Quase o(a) querem como um(a) super-homem(mulher). É evidente: tal educador(a) não existe. Daí a necessidade de trabalhar em equipe.

Ninguém, hoje, está capacitado para exercer qualquer função sem um trabalho de equipe. Nos processos seletivos para as mais variadas empresas, um dos aspectos mais considerados é a capacidade de trabalhar em equipe. O ato de educar e de governar dos(as) futuros(as) religiosos(as) jamais deverá ser um culto a construtor de tarefas de cunho individual e personalista. Os aspectos da formação são diversificados, do ponto de vista do conhecimento e do ponto de vista das atitudes.

Não existe pessoa tão completa capaz de abarcá-los todos. Só na diversidade das relações entre os(as) formadores(as) os(as) formandos(as) encontrarão satisfação no seu processo formativo. Na Vida Religiosa, fala-se tanto de amor, de vida comunitária, de partilha, entretanto é exatamente nesse lugar que se vive mais o isolamento e o trabalho personalista. Aqui, parece que prevalece o velho ditado "casa de ferreiro, espeto de pau".

É notável a dificuldade que boa parte dos(as) religiosos(as) tem em trabalhar em equipe, muitas vezes em contraste com o espírito de fraternidade reinante na comunidade. Ou não será fraternidade? A dificuldade seria fruto da formação, baseada em dogmas? Fruto de um celibato elaborado como castração, não como libertação para um maior e melhor serviço às pessoas? O trabalho em equipe é escola de formação para qualidades que se pedem de um formador. Em equipes bem conduzidas, o mínimo que se aprende é ouvir as pessoas, disciplinar-se nas relações, respeitar as diversidades, apreciá-las como riqueza, clareza nas críticas, discordância ou concordância de idéias e não de pessoas, respeito às competências específicas.

Autoritários, dogmáticos, inseguros, aqueles que não suportam as naturais ambivalências dos processos abominam

as equipes. Quase sempre, porque precisam delas. Preferem trabalhar sozinhos, sem crítica, sem discordância, sem avaliação dos resultados, sem satisfações a dar, seguindo o manual ao pé da letra.

A formação é um processo de educação. E é preciso entender que, se alguma coisa educa, o que educa é a relação. Não são as palavras, não é o conhecimento. A educação se dá na medida em que se estabelecem relações, pois, no dizer dos filósofos, somos tanto mais pessoas quanto mais somos capazes de nos relacionar. Desde o berço somos educados pela relação. Ela nos fez. Poucos, pouquíssimos são aqueles que, no próprio processo de educação, conseguem fazer a menos da relação. As pessoas que mais contribuíram para nossa formação — e aquelas que ainda nos “cativam” — certamente são aquelas com quem conseguimos estabelecer relações válidas. Ora, relacionamento exige convivência.

### ***Processo formativo***

Os procedimentos formativos das várias casas obedecem a uma norma fundamental da educação de adolescentes e jovens: deixar falar, dialogar, conversar.

O diálogo dos formadores, pelo menos da comunidade formativa, com os formandos, é um diálogo que tem procurado ser cada vez mais aberto, mais franco, mais honesto, com cada formando. No propedêutico, tudo é muito dialogado. Toda semana tem revisão de vida, onde se joga aberta a nossa vida, formandos e formadores, a partir da confiança.

Esse é o clima favorável à aquisição de valores, nem sempre naturais às vidas dos(as) formandos(as) anteriormente ao seminário, mas indispensáveis à figura dos(as) religiosos(as).

Querendo ou não, a gente tem de preservar algumas coisas. Ir renovando novas idéias, novos valores. Os jovens têm valor, vêm carregados pela história, pela experiência de cada um, vindo de famílias com seus valores. Eu não sei se esses valores são quebrados aqui, mas adquirem outros. A gente percebe esse im-

passa. Como formação me preocupa a necessidade de trabalhar melhor, de estudar melhor essas dimensões.

Na formação, primeiro é preciso saber que os(as) formandos(as) vêm, na sua maioria, das regiões rurais, das camadas populares, e que refletem a desestruturação geral pela qual a família passa hoje.

Então, vêm muito pouco trabalhados, humanamente, intelectualmente, com uma religiosidade bastante tradicional. Por isso, trabalhar o lado humano. Sem estrutura humana, sem base humana, sem integração humana, é difícil construir qualquer coisa depois. Quer dizer: primeiro essa dimensão da formação humana, o trabalho psicológico, o trabalho afetivo, a integração, assumir a história, o passado deles, muitas vezes machucado, as famílias, enfim... Segundo, a dimensão realmente intelectual, a pessoa vem muito empobrecida intelectualmente. É triste, é triste a falta de visão, de leitura, de conhecimento, de abrir a cabeça, de ver o mundo! Muito difícil. Porque o intelectual é isso aí: ter a capacidade de ter conseguido abrir a cabeça para compreender o mundo, a realidade. O pessoal vem muito fraco. Terceiro, a espiritualidade que vai na linha do nosso carisma, da interioridade, da vivência da fé ligada à realidade. A dimensão da comunidade, isto é, o grupo: trabalhar o grupo, a vida em comunidade, que para nós é fundamental, a superação do individualismo, e não é fácil. O trabalho pastoral, o contato com o povo, a realidade, nos fins de semana, é um serviço, não é? E a dimensão física também: o trabalho de cuidar do corpo, a vida sadia, o esporte, o campo, o lazer, o gosto pela natureza. A gente dá também bastante importância a ver as aptidões pessoais de cada um, se tem aptidão para a música, se para a arte, abrir espaços para que isso possa ir desabrochando e crescendo.

## ***Processo de singularidade***

No mundo contemporâneo, a vida em comunidade vem perdendo força para a realização pessoal. Muitos temem que a formação profissional passe a ter mais importância para os(as) religiosos(as) que trabalham do que as atividades políticas de inserção e pastoral — tônica da Vida Religiosa.

4. Assim José Lisboa de Oliveira analisa a questão econômica na Vida Religiosa: "O modo mais concreto para educar consagrados e consagradas a uma verdadeira responsabilidade diante da pobreza é superando o paternalismo e o maternalismo. Muitos(as) superiores(as) habituam os membros de suas comunidades a receber tudo deles. Não lhes deixando nenhuma margem de liberdade no campo econômico, fazem que consagrados e consagradas percam a noção da realidade. Não vivendo em contato com o mundo real dos pobres, não tendo a menor idéia do que acontece 'lá fora', são tentados a exigir e pretender o 'impossível'. Por isso, o melhor caminho é envolvê-los diretamente nos

Para que essa discussão fique mais clara, é importante distinguir individualismo, tão típico nos dias atuais, e individuação ou empoderamento (*empowerment*) (capacidade de desenvolver autonomia, poder, criatividade e responsabilidade). Esse último termo fala do processo pelo qual cada pessoa torna-se singular, especial, com suas particularidades e potencialidades.

O modelo de subjetividade individualista, por sua vez, desmerece a subjetividade comunitária, classificando-a como uma "filosofia dos fracos" (Bauman, 2003, p. 56). O individualismo é aposta narcisista, onipotente, calcado na idéia de sujeito que se constrói por si mesmo. É o vencedor por conta própria, o herói solitário. Um bom exemplo disso são as inúmeras mensagens subliminares veiculadas pela mídia de que qualquer um pode ter sucesso, basta "ser brasileiro e não desistir nunca". Essa ideologia mascara o fato de que nem todos têm as mesmas oportunidades psicossociais, culturais, econômicas e étnicas.

Como conciliar o ato de educar e governar na Vida Religiosa comunitária com o processo de individuação, principalmente na realização profissional e na busca de autonomia financeira, diferente de formas caritativas e dependentes? Como incentivar os valores da partilha e do desenvolvimento pessoal? Como cuidar para que a VR não abafe a profissionalização que integra as vertentes espirituais, pessoais e políticas?

Contrariamente, o(a) religioso(a) autônomo(a) se enriquece através de relações transparentes, com tenacidade, espírito de determinação, trabalho e realizações assumidas com responsabilidade e reflexão. Não conjuga o verbo "pedir", mas "conquistar", "adquirir espaço". Evita qualquer tipo de dependência com relação às pessoas ou à instituição, seja ela de ordem econômica,<sup>4</sup> intelectual ou cultural. Tenta construir a experiência com as próprias mãos. Sabe de seu espaço e de seus direitos, como também respeita o espaço das pessoas e da instituição.

É gratificante para os(as) religiosos(as) que vivem em comunidade descobrir juntos(as) caminhos, soluções, acertos.

E mesmo na aprendizagem da convivência com o fracasso criam-se novas estratégias e melhores propostas.

Qualquer conjunto de pessoas que se propõe a viver como grupo e chegar ao sonho de ser uma comunidade passa por atropelos. Se pensarmos que esse grupo está inserido na realidade contemporânea, que estimula o que é contrário ao “nós”, colocando o “eu” como centro, tudo fica mais difícil. O coletivo é visto, hoje, como ameaça à liberdade individual, o que promove a corrosão da cidadania e dos elos que entrelaçavam sujeitos em projetos comuns. Hoje, impera o convite ao gozo isolado, imediato, forjando uma liberdade que é dependente do consumo, do mercado.

Essa crise necessita ser explicitada, visando inventar uma nova maneira de lidar com a importância do subjetivo sem desconhecer a experiência comunitária. Se essas tensões não forem revistas, corre-se o risco do agravamento da solidão, da ausência de vida em comum e da perda do entusiasmo religioso. Corre-se, enfim, o risco de corrosão das energias espirituais que a vida fraterna pretende alimentar e sustentar.

Como é possível articular, no mesmo impasse ético, a busca de realização pessoal, profissional e da vida comunitária? Há, pelo menos, duas saídas anunciadas no horizonte da invenção. A primeira busca a recuperação da dimensão da amizade (do afeto por excelência, em seu verdadeiro sentido de desprendimento) como elemento básico da vida social. Os(as) religiosos(as) têm dificuldade com a afetividade e a sexualidade. Trazer de volta à cena a amizade como atitude pública, não como espaço da intimidade privada, da amizade particular/possessiva, do controle moral, do sadismo e do masoquismo. Uma comunidade fundada na valorização da amizade e da fratria traz para a cena todas as bases da ternura, do companheirismo, da solidariedade e da justiça. Esse caminho leva inevitavelmente à mística. A mística é a experiência de ternura com Deus.

O segundo caminho possível é ainda mais antigo: a política. Não há saída para os impasses da missão, do profissionalismo, da ética e da profecia fora da política. A dificuldade é que parece que tiramos férias da cidadania política com a

problemas da própria comunidade e do povo. Deste modo, poderão sentir na própria carne o peso do sofrimento dos verdadeiros pobres”. (Oliveira, 2001, p. 110).

vitória dos partidos de esquerda. Os políticos profissionais tomaram conta do *locus* da política. Há falta de políticos de vocação. No momento em que se fala da morte da utopia, é importante resgatar a dimensão política na Vida Religiosa. O campo da política é o território do profeta. A amizade e a política vinculam-se com a mística e a profecia.

### ***A formação permanente***

As instituições não se sustentam com uma ótima formação dada a seus(suas) jovens colaboradores(as). Elas precisam acompanhar os sinais dos tempos para, neles, colher as melhores oportunidades de realizar a própria missão.

Instituição voltada para a implantação do Reino de Deus num mundo em convulsão, sob todos os pontos de vista, a Congregação não resiste aos impactos circundantes se seus membros não puderem ou não souberem dialogar com as muitas realidades. Há todo um alinhamento contínuo a ser feito, desde a visão teológica do Reino de Deus até os aspectos ínfimos da administração dos bens que o próprio Reino entende conter a favor dos humanos. O estudo, a reflexão, a contemplação são exigências jamais esgotadas. Não é possível ser educador(a), professor(a) ou pároco, mestre de oficina ou administrador(a), formador(a) de pessoas ou ecônomo(a) sem um estudo sério, contínuo, para não cair no vazio do mero ato.

A formação permanente não é luxo, não é perda de tempo, não é malversação de dinheiro. Se a formação religiosa é tão longa, o é para que uns(umas) e outros(as) aprendam que nunca podem deixar de estudar e refletir sobre a realidade, se quiserem colocar-se como instrumentos válidos na colaboração com Deus para a construção do *Reino*.

### ***Educação humanizadora***

Na juventude contemporânea, religiosa ou leiga, observam-se opções por relações horizontais e tempos dissociados, preferência pelo sincretismo religioso e multiplicidade

de identidades e maior entrosamento entre gêneros. Há um acentuado desinteresse pela macropolítica, estruturas institucionais molares, grandes narrativas e impaciência com autoridades centralizadoras, ou seja, as clássicas soberanias (Deus, *pater familia*, Estado, razão científica).

Não há hoje, por exemplo, formando(a) indignado(a) como era comum há quarenta anos. O(A) formando(a), agora, é capaz de entregar uma prova em branco e, aparentemente, “não estar nem aí”, sem atribuir sentido a ameaças baseadas no dever e na moral. O valor que o(a) aluno(a) contemporâneo(a) dá à instituição da educação é diferente dos valores do professor(a), que oferece soluções retrógradas para os problemas: afirma que a causa dos mesmos é a impunidade na sociedade ou alega que os pais não estão disciplinando seus filhos como antigamente. São opiniões a partir de uma moral do dever, que não leva em consideração o fato de os deveres mudarem. Já houve uma moral centrada na idéia do Deus castigador — *Deus te vê*, frase escrita em todos os banheiros de seminários e colégios de religiosos(as) —, que dividia tudo em certo e errado.

Era a moral do temor e do terror, do castigo do inferno e da culpa infantil. Com o Iluminismo, o mundo assistiu ao esgotamento desse modelo e à eclosão da moral pautada na razão, no contrato social e no argumento — não haveria por que acreditar e cumprir o que não fosse racional. Era o tempo do controle disciplinar, realizado pela figura da autoridade presencial: pais, professores, agentes do governo, padres, irmãs e pastores.

Hoje, caminhamos para um terceiro tipo de paradigma, talvez mais ético do que moral. Já há sinais de alguns de seus traços. O principal deles são relações horizontais, de solidariedade e reconhecimento do diferente, que muitos denominam pedagogia humanizadora ou alteridade. Alguns(mas) formadores(as) e professores(as) estão descobrindo essa nova relação dentro da Vida Religiosa e também na sala de aula.

O que estamos chamando de formação religiosa humanizadora é uma estratégia que cria e elabora uma nova maneira de relacionamento entre formadores(as) e formandos(as),

capaz de garantir o exercício do poder coletivo, da iniciativa e da criatividade de seus participantes.

Na instituição religiosa (assim como na instituição familiar, escolar, hospitalar, do trabalho e, sobretudo, governamental), a *coerção* está no âmago de todo processo de educação, seja ela liberal, seja autoritária. A *violência* está sempre presente, mascarada (sob a forma da violência simbólica) ou manifesta.

Com muita freqüência, a vida institucional oscila entre formas conservadoras e progressistas. As formas conservadoras reproduzem, no processo formativo da Vida Religiosa, efeitos que se manifestam no bloqueio intelectual, criativo e, sobretudo, em distúrbios de comportamentos, afetivos ou da produção de vários sintomas. Por outro lado, as formas progressistas produzem processos formativos de libertação e humanização.

Paulo Freire analisou duas posições educativas: a primeira enfoca o ser humano como pessoa (concepção humanista), a segunda o vê como coisa (concepção bancária). A concepção de educação bancária é aquela que não acredita na relação humana, ao contrário: enfatiza a importância de um dos pólos da relação em detrimento do outro. Assim, segundo Freire (1979), decorre que:

- o educador é sempre quem educa; o educando, o que é educado;
- o educador é quem disciplina; o educando, o disciplinado;
- o educador é quem fala; o educando, o que escuta;
- o educador prescreve; o educando segue a prescrição;
- o educador escolhe o conteúdo dos programas; o educando o recebe na forma de “depósitos”;
- o educador é sempre quem sabe; o educando, o que não sabe;
- o educador é o sujeito do processo; o educando, seu objeto.

Na concepção bancária, existem três lugares: o depósito, o depositante e o depositado. O(A) formando(a) é como se fosse uma caixa (depósito) que o(a) formador(a) (depositante) vai enchendo de conteúdo (depositado), de conhecimento, como se o ato de educar fosse uma atitude passiva de receber doações ou imposições de experiências do outro. Ora, tal concepção nega a dialética entre formador(a) e formando(a),

imobiliza a relação entre as pessoas e submete um dos lados a uma posição desumanizante, dependente. A proposta fundamental da educação bancária é a pedagogia dos hábitos. Nesse sentido, educar é, fundamentalmente, adestrar.

Se o ser humano é simplesmente memória, entendimento e vontade para esses(as) educadores(as) clássicos(as), logicamente o sistema educativo será organizado de acordo com tal concepção do psiquismo. Educar um ser humano será adestrá-lo nessas três faculdades: no que tem de pensar, no que tem de reter e na maneira de atuar.

A concepção humanista, ao contrário, parte da vocação ontológica do ser humano, estimula a comunhão, a comunicação e o mistério da encarnação — mistério da transformação do Reino de Deus através da capacidade das pessoas de se amarem. Isso, segundo Paulo Freire, significa “que ninguém educa ninguém; que ninguém tampouco se educa sozinho; que os seres humanos se educam entre si, mediatiszados pelo mundo” (Freire, 1979).

Ora, o ato de educar não é um simples processo de ensino-aprendizagem, ou, como se diz vulgarmente, educar não é o mesmo que instruir. Para instruir, é suficiente conhecer as técnicas da comunicação, mas o fato de sabê-las não torna o ser humano mais capacitado. Educar, na concepção humanista, é capacitar o sujeito para que alcance seu fim último, sua realização, mediante ações livres e eticamente aceitáveis.

Com muita frequência, a vida institucional religiosa reproduz formas de dependência, indiferença, insensibilidade social, medo e culpabilidade, fruto de um sistema de educação bancária, vertical, centrada e mitificada, simulando certa estrutura social, econômica e política. Dessa forma, ocorre um mecanismo de deslocamento semântico da macroestrutura social para a microestrutura da comunidade de formação.

A educação religiosa humanista, ao contrário, procura superar essa contradição, enfatizando que o *habitat* natural dos princípios filosóficos desse sistema é a autogestão, a vida comunitária, o carisma da Vida Consagrada.

Nesse conjunto de idéias, os componentes têm consciência de sua responsabilidade educacional. A pessoa pode até não ser a única responsável por seus comportamentos de dependência, passividade, desinteresse, agressividade, mas é

responsável pela posição que toma com relação a eles. É, igualmente, responsável pelo lugar que ocupa numa relação e, pela participação, contribui para manter tais atitudes e comportamentos, neuroticamente repetitivos. Dessa forma, crê-se na autonomia, na participação, no saber e na experiência de cada ser humano, que, somadas às suas habilidades, autodirigem-se e auto-administram-se, mantendo-se de modo autônomo.

A formação religiosa não é aprendizado de informações nem apropriação de tradições e costumes cristãos, assim como a fé não é, primariamente, um conjunto de ritos e doutrinas, mas uma relação de intimidade, reverência e afeição para com o mistério da vida que chamamos Deus e, a partir dessa relação, um viver e conviver neste mundo que é o Reino de Deus.

Portanto, crê-se que o ser humano é capaz de inventar novas relações amorosas e sociais: autonomia é a crença na invenção e na criação. Por isso, é necessário empenhar-se em descobrir os próprios pontos fracos, aceitá-los sem fatalismo, sem sentimento de menos-valia, reconhecer-se como pessoa em contínua formação, descobrindo caminhos diferentes.

### ***Duas profissões impossíveis: educar e governar***

Iniciei este artigo com esse título. Inspirado nessa interessante sentença, desejo concluí-lo. Quais os sentidos dessa expressão? Essa máxima tem sido interpretada de diferentes maneiras. A citada impossibilidade diz que os atos de educar e governar seriam atitudes demasiadamente ideais, por isso jamais alcançadas.

Além disso, as práticas de educar e governar seriam intermináveis e inexatas, pautadas no alicerce da utopia ativa. O ser humano precisa, cotidianamente, educar-se e autogovernar-se. Jamais termina seu caminhar.

Outro argumento é que os atos de educar e governar não ocorrem entre duas pessoas assimétricas. A tarefa de educação é sublime e exige uma relação transferencial amorosa correspondente entre educador e educando. É abominável a

existência de agentes ativos que controlam ou governam o outro, passivo e assujeitado.

É possível, também, acreditar que os atos de educar e governar sejam uma atribuição de profissionais especializados (teólogos, psicólogos, pedagogos, antropólogos, assistentes sociais...), que detêm o conhecimento e a exclusividade do saber, do prestígio e do poder. Essa idéia é sustentada pela sentença de que sem eles não poderíamos nunca saber e apoderar-nos de direitos e liberdades.

O projeto de formação religiosa não nos propõe senão enigmas. Decifrá-los é a própria ventura e aventura de viver o ato educativo. Todo projeto de educação tem pontos intersticiais lisos, um impossível que escapa a qualquer positivo moral, racional, disciplinar, rígido e fixo. Educar e governar são, realmente, tarefas da ordem do impossível, da contradição e do puro devir. São atividades travessas, extraordinárias e incrivelmente desejantes. Sua ação deve ser pautada na criatividade e na experiência do caos, que, concomitantemente, desconstrói e constrói de forma irrepetível.

## ***Bibliografia***

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- OLIVEIRA, José Lisboa de. *Viver os votos em tempo de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2001.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Que elementos parecem mais importantes no mundo contemporâneo, no perfil dos(as) formandos(as) da Vida Religiosa?
2. Quais as mudanças exigidas, hoje em dia, de um(a) educador(a) formador(a)?
3. Analise a afirmação do título deste artigo: “Duas profissões impossíveis: educar e governar”.

**\*Padre Marco Antônio Morais Lima** é jesuíta, mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, de Belo Horizonte. Estudou Liturgia no Pontifício Instituto Litúrgico de Sant'Anselmo, Roma. Atualmente, é professor de Teologia na FAJE, de Belo Horizonte, e professor de Liturgia no curso de especialização em Teologia Pastoral da PUC-Minas.

**Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, cep 31720-300, Belo Horizonte-MG. E-mail: marcoantoniosj@faculdadejesuita.edu.br.

1. ETÉRIA. *Peregrinação de Etéria: liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*, 20,5. Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971. (Col. Fontes de catequese, n. 6.)

MARCO ANTÔNIO MORAIS LIMA, SJ\*

A liturgia nasceu muito antes que alguns cristãos pudessem pensar em organizar um estilo de vida que os “separassem” do cotidiano da vida dos demais. De fato, os discípulos de Jesus, cheios do Espírito Santo, não tardaram a compreender a experiência vivida com o Mestre e a celebrá-la em espírito e verdade, posteriormente com uma expressão ritual embrionária, certamente, mas um rito próprio, isto é, que já se distanciava do rito judaico.

A liturgia nasce, portanto, como oração pública de todo o Povo de Deus reconciliado em Cristo. Pessoas que se identificavam pelo ardente desejo de viver o Evangelho em toda a sua radicalidade começaram, já nos primeiros séculos da história da Igreja, a se organizar em comunidades — ou na solidão, como os ascetas, que, se se separavam do cotidiano da vida dos cristãos, não deixavam de participar da liturgia junto ao bispo e à comunidade cristã.<sup>1</sup>

As comunidades monásticas, entretanto, já no decorrer do século V, ganharam uma regra e uma liturgia próprias. As comunidades femininas — virgens e viúvas consagradas —, por sua vez, permaneceram dependentes do bispo local. As regras mais famosas a que temos acesso são aquelas de são Basílio, de santo Agostinho e de são Bento. Essa realidade permaneceu até o século XII, quando os mendicantes — um novo estilo de Vida Religiosa — criaram também um novo estilo de vida litúrgica. Os franciscanos, por exemplo, “criaram um novo”<sup>2</sup> breviário e, em suas celebrações eucarísticas, manifestaram um grande cuidado com o povo leigo. Aqui, num anacronismo histórico, poderíamos criticar

o fato de que um frade celebrava a missa enquanto outro pregava ao Povo de Deus, mas jamais poderemos negar o grande cuidado que os frades tiveram com a oração do Povo de Deus.

Contudo, apesar de todo o esforço dos mendicantes, a liturgia permaneceu “exclusividade” do clero e dos religiosos. Os trabalhos de reforma do breviário das comissões pós-tridentinas, tendo em vista a bula *Quod a nobis* de Pio V, não contemplam a participação dos leigos como critério. A Liturgia das Horas, que nasce como oração pública de todo o povo cristão, agora é uma exclusividade do clero, dos monges e dos religiosos. Para o clero, que já não rezava mais com o povo, permanece a obrigação de rezar o Ofício Divino individualmente, mas os monges e religiosos continuam a rezá-lo em coro.

Essa obrigação de rezar a Liturgia das Horas permaneceu uma obrigação tão estrita para os religiosos que parecia ser a característica principal da Vida Religiosa. Porém o surgimento da Companhia de Jesus, que, por seu líder fundador, santo Inácio de Loyola, não deseja ter a obrigação de rezar o Ofício Divino em coro, causa um grande mal-estar entre os religiosos. Afinal, que é que caracterizava a Vida Religiosa: os votos de pobreza, castidade e obediência ou a obrigação de rezar a Liturgia das Horas em coro e a missa conventual? Essa era a grande questão de fundo.

A grande preocupação de Inácio de Loyola não era, pelo menos não em primeiro lugar, a de caracterizar a Vida Religiosa, mas sim a apostólica. Dispensando seus irmãos jesuítas da obrigação de rezar a liturgia em coro, Inácio desenhava um modelo de religioso essencialmente pastoralista, missionário, livre de qualquer obrigação que tirasse sua mobilidade apostólica.<sup>3</sup> Inácio, na realidade, nunca se opôs ao verdadeiro espírito da liturgia, mas sim a um certo formalismo litúrgico que, além de não sustentar suficientemente a espiritualidade do apóstolo, já não era mais acessível ao Povo de Deus. A Companhia de Jesus propõe a seus membros,

2. Colocamos aspas porque, na realidade, não se trata de uma nova criação, mas da retomada do breviário do papa Honório III por Aimone de Faversham, ministro geral dos franciscanos em 1224. Seis anos mais tarde, esse breviário conheceria grande difusão.

3. Lembremos, aqui, o contexto da Igreja no Ocidente no século XVI: o cisma desencadeado por Martinho Lutero; as grandes navegações, que possibilitaram um maior contato com o Oriente; e a descoberta das Américas.

então, um estilo de oração mais individual que comunitária, centrada, sobretudo, no exercício da meditação e da contemplação dos mistérios de Cristo.

E a liturgia? Enquanto celebração comunitária, a Companhia de Jesus a teria abandonado definitivamente? A resposta é não, obviamente. Os jesuítas, de fato, não compreendiam a liturgia como propriedade particular do clero e dos religiosos, mas como um patrimônio de todo o povo cristão. Por essa razão não medirão esforços para inculturar a vida litúrgico-sacramental nas novas terras de missão, especialmente entre os chineses, os indianos e os nativos das Américas. Isso, porém, não ocorreu sem erros e incompreensões entre jesuítas e missionários de outras ordens.

Como quer que seja, muitos outros fundadores e fundadoras, no séqüito de santo Inácio, vislumbrariam uma nova Congregação religiosa privilegiando seu aspecto apostólico. Uma grande novidade, aqui, são as congregações femininas que se dedicam à educação de meninas e ao cuidado das mulheres “marginalizadas”.

Aqui, chegamos ao centro de nossa reflexão: como realizar a liturgia nas comunidades religiosas hoje? O problema parece ser duplo, pois devemos pensar a liturgia não somente para as casas de religiosos já formados, mas também para as casas de religiosos em formação. De fato, nos mosteiros e nos conventos antigos, um candidato aí entrava, recebia toda a sua formação e aí permanecia. A vida litúrgica do novo membro se desenvolvia com os demais membros de seu mosteiro ou convento. Mas com o advento das ordens e congregações apostólicas, as casas de formação se separaram das casas professoras, isto é, das casas dos religiosos já formados e prontos para a missão.

### ***A comunidade de consagrados, uma assembléia litúrgica***

A questão que nos colocamos aqui é se uma comunidade de pessoas consagradas pode realmente ser considerada uma assembléia litúrgica. À primeira vista, tal pergunta pode pa-

recer não ter muito sentido, visto que ali estão “dois ou mais reunidos em nome de Jesus” e, portanto, “Jesus está presente no meio deles” (Mt 18,20). Contudo, a pergunta ganha sentido a partir do momento em que consideramos o predomínio das ordens e congregações religiosas no cenário da Vida Religiosa atual. Não é incomum, além disso, ouvirmos alguns membros de ordens religiosas contemplativas se queixarem da clericização de seu pessoal, ou seja, cada vez mais aumenta o número de religiosos contemplativos que se dedicam ao trabalho pastoral em detrimento das obrigações comunitárias.<sup>4</sup>

Em primeiro lugar, lembremos o que caracteriza uma assembléia litúrgica para, depois, verificarmos se uma comunidade de consagrados pode ser considerada uma verdadeira assembléia litúrgica. Iniciemos, pois, com uma consideração bíblico-teológica do que venha a ser uma assembléia litúrgica.

### Que é uma assembléia litúrgica?

Ao modo da “assembléia de Javé” do Antigo Testamento, os discípulos de Jesus Cristo se reuniram depois de sua morte e ressurreição juntamente com sua Mãe e, estando reunidos no cenáculo, o Espírito Santo veio sobre eles. Desde então, aquela Igreja que nascia jamais deixou de reunir-se para o louvor de Deus, certos de que o Cristo Jesus estava no meio deles. A comunidade cristã cresceu e o número dos discípulos crescia a cada dia. “Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). No início, freqüentavam a sinagoga dos judeus, mas logo se separaram e formaram uma assembléia exclusivamente cristã, desenvolvendo, guiados pelo Espírito Santo, suas formas próprias de oração. Essas reuniões atravessaram os séculos e chegaram aos confins da terra. Hoje, nós nos reunimos em nome do mesmo Cristo Jesus, dando continuidade àquela mesma assembléia.

Normalmente, com a palavra assembléia queremos designar um grupo de pessoas que se reúne com um objetivo determinado. Recebendo, porém, o atributo “cristã” ou “litúrgica”, significa a comunidade de fiéis reunidos em nome de Jesus,

4. Não é nossa intenção, aqui, julgar se esse procedimento é certo ou errado, mas apenas constatar essa realidade no cenário da Vida Religiosa atual.

hierarquicamente constituída, legitimamente reunida em um determinado lugar para uma ação litúrgica e altamente qualificada pela particular e salutar presença de Cristo. A presença de Cristo na assembléia de seus discípulos garante a perfeição de nossa oração, pois a Deus convém o louvor perfeito.

Se, porém, o nosso louvor poderia ser imperfeito por causa de nossa fraqueza humana, unidos a Cristo atingimos aquela perfeição que convém a Deus. Já não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós (cf. Gl 2,20), do mesmo modo é Cristo e o Espírito Santo que rezam em nós, pois não sabemos sequer como rezar, mas o Espírito vem em socorro de nossa fraqueza (Rm 8,26). Deus derramou em nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama *Abbá, Pai* (Gl 4,6), e assim nos tornamos os verdadeiros adoradores procurados pelo Pai.

O papa Pio XII já lembrou em seus ensinamentos esse elemento fundamental da assembléia cristã, a presença de Cristo (encíclica *Mediator Dei*, sobre a liturgia, 1,1), e o Concílio Vaticano II reafirma essa presença: “Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas suas ações litúrgicas” (SC, n. 7). Essas ações litúrgicas formam o objetivo da assembléia cristã.

Portanto, quando a assembléia cristã se reúne, o Cristo está presente nela: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Cristo continua, assim, o seu louvor ao Pai aqui na terra através de seus discípulos reunidos em santa assembléia, ou seja: nós, quando nos reunimos para celebrar a santa liturgia, acolhemos o Cristo no meio de nós e, assim, participamos de seu sacerdócio, o que nós chamamos normalmente de “sacerdócio comum dos fiéis”. Disso deduz-se que a assembléia cristã é aquela formada por pessoas batizadas, portanto por aqueles que desceram à fonte de onde jorra água da vida eterna, onde com Cristo morremos e com ele ressuscitamos. É uma assembléia de novas criaturas em Cristo.

Eis por que os catecúmenos, isto é, aqueles que ainda não se batizaram, mas se preparam para receber o Batismo, saem da assembléia antes da oração dos fiéis. De fato, por ainda não

serem batizados, não participam do sacerdócio de Cristo, não estando, pois, autorizados a se dirigirem ao Pai em seu nome.

Uma outra característica fundamental da assembléia cristã é ser sinal, porque esta é a natureza própria da liturgia em si mesma. Ela é sinal para os seus membros individualmente, que buscam crescer na fé, bem como para toda a sociedade humana, para quem a assembléia cristã é sinal privilegiado da presença do Reino de Deus no nosso mundo e na nossa história. Numa compreensão mais ampla da palavra sacramento, nós podemos dizer que a assembléia cristã é sacramento dos redimidos por Cristo para o Pai, e sacramento de Cristo para o mundo. De fato, aquilo que a Igreja é na sua essência, o corpo de Cristo, a assembléia cristã atualiza quando, reunida, celebra os mistérios salvíficos.

Enquanto sinal, a assembléia cristã tem quatro dimensões: comemorativa, demonstrativa, escatológica e de compromisso. Quando nos reunimos em nome de Cristo para comemorar sua Páscoa, evento fundador de nossa existência cristã, e os mistérios da vida de Cristo ou de seus santos, na realidade não estamos apenas lembrando um acontecimento do passado, mas, pela força do Espírito Santo em nossas ações litúrgicas, estamos revivendo aqueles acontecimentos e a nossa salvação está acontecendo no aqui e agora de nossas comemorações.

Assim, por exemplo, quando, na assembléia eucarística, comemoramos a Páscoa de Cristo, nós, em nossos *pais* na fé, isto é, naqueles que conviveram com Cristo, nos fazemos presentes ao pé da cruz e, diante do túmulo vazio, recebemos a Boa-Notícia de que Cristo venceu a morte, e a nossa redenção acontece. Do mesmo modo, quando comemoramos Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, e aí lemos o evangelho das Bodas de Caná (Jo 2,1-12), aquela festa em que Jesus e sua Mãe estavam presentes se torna a nossa festa, ou seja, ela está acontecendo em nossa celebração.

A assembléia cristã é, portanto, sempre uma reunião festiva. Em toda festa, as pessoas se reúnem para comemorar um fato importante em suas vidas, cuja memória está indelevel-

mente gravada em sua memória e causa alegria. Do mesmo modo, os cristãos se reúnem para celebrar um fato indelevelmente gravado em sua memória coletiva: a salvação em Jesus Cristo. Esse grande fato é composto, por assim dizer, de vários outros fatos que compõem o nosso ano litúrgico.

Da encarnação de Cristo, passando pelos fatos marcantes de sua vida pública, chegando ao mistério de sua Páscoa, inclusive o Pentecostes, a assembléia cristã se alegra por celebrar tais fatos e, celebrando-os, toma consciência daquilo que ela é: Povo de Deus, corpo de Cristo, templo do Espírito Santo, comunidade de salvação. Brevemente, nós cristãos nos reunimos em santa assembléia para celebrar o mistério de Deus em nossa vida iluminado pela Páscoa de Cristo.

Contudo, quando a assembléia cristã acontece, ela manifesta a Igreja inteira, ela é uma verdadeira epifania da Igreja. Essa é a dimensão demonstrativa da assembléia cristã. De fato, ensina-nos o Concílio Vaticano II:

O bispo deve ser tido como o sumo sacerdote de sua grei, do qual, de algum modo, deriva e depende a vida de seus fiéis em Cristo. Por isso faz-se mister que todos, particularmente na cate-dral, dêem a máxima importância à vida litúrgica da diocese em redor do bispo: persuadidos de que a principal manifestação da Igreja se realiza na plena e ativa participação de todo o Povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma Eucaristia, numa única oração, junto a um só altar, presidido pelo bispo, cercado de seu presbitério e ministros (SC, n. 41).

Esta bela formulação conciliar, inspirada em santo Inácio de Antioquia, mostra-nos que o modelo de assembléia litúrgica é aquele presidido pelo bispo, porque nele a Igreja se manifesta em toda a sua inteireza.

Todavia,

como nem sempre e em todos os lugares o bispo, em sua Igreja, pode estar pessoalmente à frente do rebanho todo, deve necessariamente organizar comunidades de fiéis. Entre elas sobressaem as paroquiais, confiadas a um pastor local, que as governe, fa-

zendo as vezes do bispo: pois de algum modo eles representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra (SC, n. 42).

Portanto, também nas assembléias cristãs paroquiais a Igreja se faz visível, ou seja, todas as vezes que as comunidades cristãs se reúnem em santa assembléia, acontece uma manifestação da Igreja universal.

Em se reunindo para as celebrações litúrgicas, a assembléia cristã é “a imagem antecipada da Igreja do céu, percebida na obscuridade da fé” (A. Martimort), porque, além de ser sinal demonstrativo da Igreja peregrina, é também sinal daquilo que ela será, quando o Esposo vier a seu encontro, para o qual ela se apresentará pura, sem manchas. Para compreendermos essa dimensão escatológica da assembléia cristã, basta-nos uma atenta leitura do livro do Apocalipse ou, simplesmente, um pouco de atenção à letra de nossas orações eucarísticas. Dentre estas, um belo exemplo é a oração eucarística III:

Lembraí-vos, ó Pai, de nossos irmãos e irmãs que partiram desta vida e de todos os que morreram na vossa amizade. Unidos a eles, esperamos também nós participarmos da vida eterna, quando enxugardes todas as lágrimas de nossos olhos. Então, contemplando como sois, cantaremos sem cessar os vossos louvores.

Contudo, não se trata de uma esperança de algo meramente futuro, pois em nossas assembléias já pregustamos aquilo que seremos junto do Pai. A liturgia terrena é, pois, uma verdadeira prefiguração da liturgia celeste, da qual, de algum modo, já participamos. Este é, aliás, o sentido do *santo* cantado ao final do prefácio da oração eucarística: “Por ele os anjos celebram a vossa grandeza e os santos proclamam a vossa glória. Concedei-nos também a nós associar-nos aos seus louvores, cantando a uma só voz” (oração eucarística II). Desse modo, a assembléia litúrgica manifesta a vocação escatológica de toda a Igreja, que espera a sua realização plena e definitiva na Jerusalém celeste: “A Igreja, para a qual todos somos chamados em Cristo Jesus e na qual pela graça de Deus adquirimos a santidade, só se consumará na glória

celeste, quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas” (LG, n. 48).

Mais uma vez é com a nossa própria oração que aprendemos a dimensão de compromisso de nossas assembléias: “E nós vos suplicamos que, participando do corpo e do sangue de Cristo, sejamos reunidos num só corpo e num só espírito” (oração eucarística II). Isso exige de todos os membros da assembléia cristã um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. São Paulo faz duras críticas aos membros das assembléias da comunidade cristã de Corinto por sua falta de solidariedade com os mais pobres: “Mas quando vos reunis em comum, não é a ceia do Senhor que tomais, pois cada um se apressa em tomar a sua própria refeição, de maneira que um tem fome, enquanto o outro está embriagado” (1Cor 11,20).

Naquela época, de fato, a Eucaristia era celebrada dentro de uma verdadeira refeição; cada um levava algo para comer e beber e punha em comum, mas na comunidade de Corinto alguns egoístas não faziam isso e faltava alimento para os que nada levavam. Assim, a refeição deles se opunha à refeição do Senhor, isto é, à Eucaristia.

A dimensão de compromisso da assembléia cristã assume, portanto, uma dupla vertente: a primeira é a da solidariedade entre seus membros para que, deixando de lado suas devoções pessoais, formem entre eles um só corpo e um só espírito e, a uma só voz, cantem os louvores do Senhor; a segunda é a da vida que se desenvolve fora das ações litúrgicas, no dia-a-dia dos fiéis. As nossas assembléias serão tanto mais autenticamente cristãs na medida em que refletirem o compromisso de seus membros com a paz, a caridade fraterna, a justiça, a misericórdia, enfim, com todos aqueles valores evangélicos que nos incluirão na lista dos bem-aventurados proclamada pelo próprio Cristo Jesus (cf. Mt 5,3-12).

### Assembléia litúrgica e Vida Consagrada

Passemos, agora, a analisar se há a possibilidade de uma comunidade de consagrados constituir-se em assembléia li-

túrgica. A primeira coisa a observar, depois de tudo o que acabamos de ver sobre assembléia litúrgica, é que o modelo diocesano — o bispo presidindo a sua grei — é a assembléia por excelência e, sempre unido ao bispo diocesano, o modelo paroquial. Disso surge-nos, então, a pergunta de como uma comunidade de consagrados pode ser considerada uma assembléia verdadeiramente litúrgica. Uma verdadeira liturgia só é possível numa diocese ou numa paróquia? Uma comunidade de consagrados seria menos Igreja em ato do que as comunidades diocesanas ou paroquiais?

De fato, numa comunidade de consagrados não se celebra o sacramento do Batismo, pelo qual a Igreja é constituída, em primeiro lugar, como comunidade dos discípulos de Cristo e que possibilita e autoriza os cristãos a se reunirem em nome de seu Mestre para com ele louvarem ao Pai. Isso já nos diz que a Vida Consagrada jamais poderá estar completamente desvinculada da vida dos demais fiéis. De fato, nas capelas das casas religiosas não há batistério e, quando o há, não é mais que um simples adorno e não um monumento pascal, pois falta-lhe o exercício de sua função. O batistério das casas religiosas permanece nas paróquias de onde vieram seus membros.

Contudo a comunidade de consagrados permanece uma comunidade de batizados, portanto de pessoas capacitadas a celebrar os demais sacramentos e a Liturgia das Horas. Porque estão reunidas em nome de Cristo, ele verdadeiramente está ali presente. Essa liturgia, porém, é sempre a liturgia da Igreja, que, portanto, só tem valor espiritual e sacramental na medida em que está unida a toda a Igreja. Tal união fica mais clara no caso da vida contemplativa feminina, para a qual é o bispo diocesano quem designa um de seus presbíteros para presidir a Eucaristia e ouvir seus membros em confissão. O que permanece problemático é o fato de o presbítero designado ser alguém “estranho” àquela comunidade contemplativa feminina. Esse problema só poderá ser solucionado na medida em que haja naquele convento uma verdadeira união — ainda que só espiritual — com toda a Igreja local.

Uma bela tendência que se observa no atual cenário da Vida Consagrada é a participação de religiosos, mais comu-

mente religiosas, na liturgia das paróquias vizinhas às suas casas. De fato, hoje é cada vez mais comum religiosos e religiosas se organizarem em pequenas comunidades, vivendo em casas que em nada se diferem das casas da vizinhança, a não ser pelo fato de ali viverem só pessoas do mesmo sexo. Os grandes conventos tornam-se cada vez mais raros. Os membros dessas pequenas casas religiosas preferem participar da vida litúrgica paroquial a permanecer pequenas células celebrativas. Isso é muito louvável a partir do momento em que consideramos que o “número” na liturgia é importante para dar destaque ao caráter da liturgia como sinal de união.

Caso mais problemático, porém, é das casas de consagrados presbíteros, pois, pelo fato de terem ministros ordenados, celebram a liturgia em pequenos grupos, quando não cada membro separadamente. Uma das tantas louváveis iniciativas do Concílio Vaticano II é a possibilidade da concelebração, o que veio libertar os presbíteros da escrupulosa obrigação de presidir a Eucaristia diariamente. Celebrar a Eucaristia na ausência de uma assembléia litúrgica continua canonicamente válido, mas isso só deve acontecer por motivo justo, porque, inscrevendo-se a liturgia no gênero do sinal, a ausência da assembléia litúrgica implica um grave defeito. Eis por que, para celebrar a missa sem povo, requer-se a presença de pelo menos um ministro que responda o *Amém* no Espírito Santo.

### Liberdade e criatividade nas casas religiosas

A liturgia eucarística, sobretudo nas casas religiosas que abrigam pequenas comunidades, pode assumir características que a deformam. Aqui se coloca o problema de conjugar a fidelidade à tradição e ao rito a que pertencemos com a liberdade criativa. Ora, só Deus cria *ex nihilo*, por isso é sempre necessário um profundo conhecimento da liturgia para sabermos como se deve adaptá-la à realidade em que vivemos. Certamente, não celebraremos em nossas comunidades religiosas como celebramos nas igrejas paroquiais, a menos que a casa religiosa disponha de uma capela domés-

tica que possa acolher fiéis da vizinhança. A nossa liberdade criativa não nos permitirá jamais transformar as nossas eucaristias em uma “dinâmica de grupo”.

Não é raro encontrarmos comunidades religiosas que improvisam uma capela em um cômodo qualquer da casa recém-adquirida. Numa sincera, porém mal realizada, idéia de inculturação espalham-se elementos da cultura local — isso para não mencionar os elementos de culturas totalmente estrangeiras — que pouco ou nada ajudam a evocar os conteúdos do culto que se celebra. O espaço da celebração não é apenas um mero local que abriga a assembléia, mas é imagem dessa mesma assembléia, portanto deve refletir em si o mistério de Cristo e da Igreja e, para tanto, deve ser uma expressão da acolhida do Evangelho por uma determinada cultura, ou a conjugação da liturgia com a arquitetura local.<sup>5</sup>

Para além da questão do espaço celebrativo, pode-se ainda constatar o risco de uma deformação do próprio rito. É bem verdade que o *Rito Romano*, deixando de ser apenas o rito da Igreja que está em Roma e impondo-se à maioria das Igrejas presentes no mundo inteiro, deve sim estar disposto a acolher influência sobre si.<sup>6</sup> Isso vale para as comunidades paroquiais presentes no mundo todo e também para as casas religiosas. Contudo, trata-se sempre de um único e mesmo *Rito Romano* que herdamos por causas históricas — que não cabe aqui discuti-las — e que tem sua característica própria e exige uma adaptação que não o desfigure.<sup>7</sup>

Mas afinal de contas, que significa usar da liberdade e criatividade para adaptar a liturgia à realidade das casas religiosas? Já constatamos a atual tendência das pequenas comunidades de Vida Consagrada a participar das liturgias das paróquias em que estão inseridas. Contudo ainda há algumas que podem ter suas celebrações “particulares”. Nesse caso, trata-se de nunca perder a consciência de que se está celebrando a liturgia da Igreja e não desta ou daquela comunidade particular. Assim sendo, a liturgia deve ser sempre realizada respeitando-se as regras da “gramática” litúrgica.

5. Belos exemplos dessa conjugação podemos encontrar em C. Pastro, *A arte sacra: o espaço sagrado*, São Paulo: Loyola, 1993. Id. *Guia do espaço sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999. Id. *Arte sacra*. São Paulo: Paulinas, 2001.

6. CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum concilium*, nn. 37-40. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A liturgia romana e a inculturação*. São Paulo: Paulinas, 1994.

De fato, quando nos reunimos no amor de Cristo para a celebração da liturgia, fazemo-lo tão-somente para celebrar o *mistério de Deus em nossas vidas iluminado pela Páscoa do Cristo*. Este é o grande foco de toda e qualquer celebração litúrgica; por isso a nossa liberdade e entusiasmo criativo não podem, de forma alguma, desviá-lo para, por exemplo, a pessoa do(a) fundador(a). É sempre a força do mistério pascal do Cristo que brilhou na vida e na obra de nossos fundadores que deve sobressair.

No que diz respeito às celebrações cotidianas, devemos ponderar que ninguém é tão criativo que possa todos os dias encontrar “novidades” para inserir nas celebrações. Se tivermos recebido uma boa formação catequética, isto é, se fomos devidamente iniciados nos mistérios cristãos, certamente saberemos amar o que celebramos e fazê-lo de modo que produza muitos frutos na nossa vida espiritual e apostólica sem cairmos em uma rotina mecânica. Infelizmente, a mentalidade moderna, fortemente marcada pelo consumismo, nos faz crer que é necessário uma “novidade” a cada celebração.

Já chamamos a atenção para não transformarmos as nossas celebrações eucarísticas em uma dinâmica de grupo. Certamente, a liturgia é dinâmica no sentido de que a presença do Cristo não é estática; que a estrutura narrativa de nossa celebração diz-nos que a nossa salvação está-se realizando neste momento e, ainda, que a nossa celebração é um serviço ativo à Divina Majestade. É, portanto, para narrarmos e celebrarmos as *mirabilia Dei*, cujo cume é a Páscoa do Cristo, que nos reunimos em assembléia. Mas muitas vezes fazemos do espaço celebrativo um lugar para partilhar a vida. Ora, a partilha de vida na liturgia significa que nós renunciemos a nós mesmos para, em Cristo e pela força do Espírito Santo, formarmos um só corpo.

Para partilharmos as nossas conquistas e dificuldades, temos as reuniões comunitárias, e a autenticidade de nossas celebrações se verificará no fato de que nessas reuniões comunitárias sabemos acolher com afeto e respeito as partilhas de nossos irmãos e irmãs de Vida Consagrada. Alimentar-se diariamente da Eucaristia e da Liturgia das Horas deveria

7. Atemo-nos apenas ao *Rito Romano* por não ser de nossa competência tratar os outros ritos.

levar-nos a um amor fraterno em nossas comunidades religiosas que, além do seu valor de testemunho, nos dispensasse de invadir as nossas liturgias para aproveitar de seu clima místico para fazermos algo que nossa limitação humana nos impede. De fato, ou as nossas liturgias nos ajudam a superar tais limitações ou nos questionamos como são Paulo aos coríntios: “Mas quando vos reunis em comum, não é a ceia do Senhor que tomais” (1Cor 11,20).

## Os votos de consagração religiosa e a dimensão escatológica da liturgia

A Vida Religiosa se caracteriza principalmente — e não exclusivamente — pelos votos de pobreza, castidade e obediência. Esses votos não são um fim em si mesmos, mas um meio para testemunharmos os valores evangélicos que o próprio Cristo nos comunicou. Eles não deveriam fazer de nós uma elite religiosa, mas inserir-nos mais profundamente no mistério da Igreja, comunidade dos redimidos em Cristo que caminha rumo à salvação escatológica. Na liturgia, essa salvação escatológica aparece sempre como elemento conclusivo das orações maiores: orações eucarísticas, preces consecratórias, bênçãos etc. Os religiosos são chamados a ser um sinal peculiar dessa comunidade que se reunirá no Reino dos Céus.

De fato, pelo voto de pobreza os religiosos são chamados a seguir o Cristo, que, sendo o Rei do Universo, se faz pobre para enriquecer-nos. A pobreza religiosa não quer ser um desprezo do mundo criado, mas uma indiferença diante dos bens materiais, para que o consagrado possa colocar sua segurança somente no Senhor criador do céu e da terra. Para além disso, o religioso colocará todos os bens materiais que alcançar a serviço dos mais pobres para oferecer-lhes aquela dignidade que o mundo consumista lhes nega. Com isso, os religiosos testemunham aquela comunidade de iguais que se reunirá no Reino dos Céus, levando todos os excluídos e pessoas de boa vontade a participarem do banquete das núpcias do Cordeiro. A Eucaristia é uma antecipação ritualizada das núpcias do Cordeiro que nos leva a saborear no cotidiano de nossas vidas as delícias desse banquete.

Entretanto não é somente na abertura para acolher os marginalizados da sociedade consumista que os religiosos testemunham a pobreza evangélica, mas também na partilha generosa de bens com toda a sua comunidade. O que Lucas idealizou como comunidade dos discípulos de Jesus em que ninguém dizia "isso é meu", mas colocava tudo em comum (At 2,44-45), os religiosos fazem memória procurando viver com sinceridade. Ora, quando fazemos memória dos eventos salvíficos, não só revivemos algo passado, mas o fazemos para anunciar um novo céu e uma nova terra, onde o Senhor mesmo enxugará toda a lágrima de nossos olhos (cf. Ap 7,17). Isso é o que nós proclamamos na liturgia e o que procuramos conformar a nossa vida.

A pobreza religiosa, porém, não se reduz à renúncia dos bens materiais, ela toca o próprio ser do consagrado, ela chega à sua corporeidade. Aqui, chegamos ao voto de castidade. Ora, a sexualidade é das dimensões mais fortes do ser humano, por isso aquele que professa também o voto de castidade não o faz pelo medo de se completar no outro, mas o faz para ter a sua existência em Deus e somente em Deus. O afeto humano, de fato, é concreto e, por essa razão, precisa sempre de um outro para realizar-se. Renunciar a uma relação a dois implicará sempre sofrimento, vazio, que deve ser acolhido com amor e não como uma mera exigência, do contrário o candidato à Vida Consagrada correria o risco de estar-se entregando a esse estilo de vida por inaptidão ao matrimônio.

Abraçar a vida celibatária não pode ser fruto de medo ou frustração, mas uma verdadeira oblação por amor ao Reino dos Céus. Se os esposos são chamados a oferecer o seu corpo um ao outro, formando uma só carne (Mt 19,5), e assim ser sacramento e testemunho daquela união de Cristo com sua Igreja (Ef 5,21-33), os religiosos, por sua vez, devem oferecer ao Pai os seus corpos em oblação, assim como o Cristo ofereceu o seu.

São Paulo nos exorta, como aos romanos, "em nome da misericórdia de Deus, a oferecermos os nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, pois este é o nosso

culto lógico” (Rm 12,1). Essa exortação se dirige a todos os discípulos de Jesus Cristo em geral, mas os religiosos são chamados a responder de um modo especial: fazendo de seu celibato uma expressão mais visível dessa oblação. Sabemos que são Paulo, herdeiro de uma antropologia judaica e, portanto, não-grega, fala do corpo não como distinto da alma, mas como sede necessária da existência humana, único modo de o ser humano relacionar-se com os outros seres humanos, com o mundo criado e com Deus. Oferecer o próprio corpo, portanto, significa oferecer a Deus toda a existência e tudo o que ela implica de relações.

O celibatário é, portanto, uma expressão viva dessa oferta de si mesmo ao Senhor, pois é por nosso corpo que somos membros do corpo de Cristo (1Cor 6,15). O modelo mais perfeito dessa oblação é o próprio Cristo, que entregou seu corpo por amor em uma cruz. Ora, se o consagrado pelos votos é aquele que quer seguir o Cristo mais radicalmente, ele deve tomar sua cruz... (Mt 16,24). Falamos, anteriormente, do sofrimento que implica o voto de castidade. Esse sofrimento, porém, não se trata de infelicidade, mas de encontrar nele a felicidade e a realização de estar-se entregando totalmente a Deus por amor.

Essa entrega amorosa que Jesus faz de seu corpo na cruz, nós a comemoramos na liturgia, mais especificamente na Eucaristia. Nós fazemos memória da entrega do Cristo, não porque seja necessário repeti-la, pois a entrega de Jesus foi realizada uma vez por todas, e onde já houve perdão já não se faz mais oblação pelo pecado (Hb 10,18). Se na Eucaristia rerepresentamos ao Pai o sacrifício de Jesus, é para com ele também nós nos oferecermos a nós mesmos para formarmos em Cristo um só corpo e um só Espírito.<sup>8</sup>

Como nas orações eucarísticas se termina com uma intenção escatológica, o religioso consagrado, de modo especial — não exclusivo —, faz prenúncio em sua vida daquele estado de vida no Reino dos Céus, onde não nos casaremos nem seremos dados em casamento, mas seremos todos como os anjos nos céus (Mc 12,25), o que significa não ter outra preocupação a não ser servir e louvar a Deus.<sup>9</sup> O religioso é

uma metáfora viva dessa realidade escatológica no seu ser-viço apostólico e na sua contemplação.

Todavia a pobreza evangélica vai muito mais profundo, ela ultrapassa o desejo e chega à vontade. Assim compreendemos porque o religioso é aquele que, como costumamos dizer, segue mais de perto o Cristo pobre, casto e obediente. A obediência do Cristo não se tratava apenas de cumprir os mandamentos do Pai revelados na lei, mas de conformar a sua própria vida à vontade daquele que o enviou a ponto de fazer dessa vontade o seu alimento (Jo 4,34). Essa entrega obediente e amorosa do Cristo ao Pai por amor aos seres humanos, e que nós celebramos na liturgia, não foi uma coisa mágica e imediata, mas ele a aprendeu pelos próprios sofrimentos (Hb 5,8). Foi uma obediência sem limites, pois Jesus se abaixou, tornando-se obediente até a morte, e mor-te sobre uma cruz (Fl 2,8).

A *kenosis* de Jesus se concretiza primeiro na sua encarnação e chega à plenitude na sua obediência à vontade do Pai. Do mesmo modo, a *kenosis* do religioso se dá na renúncia à vida de conforto e prazer ao ingressar no noviciado e se cumprir a vontade do Pai.

Trata-se, portanto, de um novo nascimento. O religioso, que no seu Batismo já morreu e ressuscitou com Cristo, já é, portanto, uma nova criatura, procura pelos votos de consagração conformar-se mais perfeitamente a esse Cristo pobre, casto e obediente. Como tal, não busca outra coisa em sua vida senão buscar a vontade do Pai, que, por sua vez, manifesta-se no amoroso cumprimento das ordens supertiores. Isso requer do religioso uma vida de orações e súplicas, a exemplo de Cristo (Hb 5,7). Sim, para que a sua obediência não seja cega, mas autêntica, o religioso deve ser antes de tudo um místico, alguém que toca o mistério de Deus, alguém que está sempre à escuta de Deus.

O que acabamos de dizer requer do religioso uma vida constante de oração. Isso se realiza não somente na sua meditação pessoal — sem a qual, aliás, não há Vida Religiosa possível —, mas, sobretudo, na sua participação na Liturgia

8. GIRAUDO, C. *Nunus sibi corpus: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. pp. 513-518.  
9. Conforme explicado na nota referente a Mt 22,30 na *Tradução Eucariótica da Bíblia*, São Paulo, Loyola, 1994.

das Horas e na Eucaristia cotidiana. A liturgia, de fato, é o lugar privilegiado para o religioso compreender a sua própria *kénosis* e, na grande oração eucarística, unir-se a Cristo e oferecer ao Pai toda a sua existência, que tem sua expressão máxima na autenticidade do voto de obediência.

A perfeição religiosa consiste, pois, para o consagrado, em conformar toda a sua vida à vida do Cristo Jesus, chegando a dizer com Paulo: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Essa perfeição, contudo, só se realizará plenamente naquele feliz dia em que ressuscitaremos com Cristo, e o nosso pobre corpo mortal se tornará semelhante a seu corpo glorioso, e, contemplando a Deus como ele é, cantaremos sem cessar os seus louvores (oração eucarística III). Entretanto já vivemos durante a nossa peregrinação terrestre essa perfeição, mas não ainda em plenitude. É nisso que consiste a escatologia cristã que professamos na nossa fé, anunciamos na liturgia e encarnamos na nossa vida cotidiana. Essa esperançosa felicidade, própria de todos os batizados, deve brilhar de modo mais visível naquele que professou os votos de consagração religiosa, pois ele é chamado a testemunhar essa feliz esperança dentro e fora da Igreja.

## A profissão religiosa como ação litúrgica

A entrada de um cristão para a vida monástica nos primeiros séculos não era celebrada com uma ação litúrgica propriamente dita.<sup>10</sup> Um candidato ao mosteiro não fazia uma profissão pública, mas apenas a tomada do hábito e da consciência de que ali passaria toda a sua vida em pobreza, castidade e obediência.<sup>11</sup> Havia, já nos inícios da Igreja, estilos de vida diferentes marcados pela presença de uma hierarquia já mais ou menos organizada e o surgimento de diferentes formas de vida cristã — por exemplo: monges solitários (ascetas), monges cenobitas, viúvas e virgens consagradas. Com o passar do tempo, aqueles que ingressavam em uma dessas formas de vida cristã sentiram a necessidade de celebrar esse ingresso com um rito próprio, transformando-o, assim, em uma verdadeira e própria liturgia.

10. Leia-se, a esse propósito, a excelente colaboração de Matias Augé, “Profissão religiosa”, em D. Sartore & A. M. Triacca (Orgs.), *Dicionário de liturgia*, São Paulo, Paulus, 2004. pp. 961-971.

11. Os clérigos marcavam essa decisão com a tonsura e as virgens, com a imposição do véu.

A profissão religiosa é, pois, uma ação litúrgica, mesmo o “Rito de iniciação na Vida Religiosa”, como já diz o título, ainda que se realize fora da missa, é um rito e, portanto, uma ação litúrgica, pois esse rito se insere numa celebração da Palavra de Deus. A *Sacrosanctum concilium* recomenda que a profissão religiosa seja sempre feita dentro da missa (n. 80). Cada família religiosa tem a liberdade de adaptar convenientemente o rito, de modo a expressar e salientar melhor a natureza e o espírito de cada instituto.<sup>12</sup> Esse rito deve ser realizado em clima de festa alegre, porque é uma mudança na vida do professando e uma renovação na vida de seu instituto. Contudo, trata-se de uma celebração de toda a Igreja e deve-se, por isso, levar em consideração a unidade na diversidade.

A profissão religiosa dentro da missa está imediatamente colocada depois da proclamação do Evangelho. De fato, todos os sacramentos e sacramentais celebrados dentro da missa ocupam esse lugar,<sup>13</sup> por isso recomenda-se que também a profissão religiosa seja feita aí, não por simples rigorismo litúrgico, mas para que se coadune com o reto senso litúrgico.<sup>14</sup> Embora cada instituto religioso forme uma família religiosa — o que aparece na fórmula dos votos —, não deixa de pertencer à grande família de Deus, a Igreja. Para que essa realidade incontestável apareça, as famílias religiosas deveriam adaptar sua profissão religiosa ao rito proposto para toda a Igreja, preservando, é claro, a fórmula da profissão própria a cada instituto.

Quanto à observação do reto senso litúrgico, o *Pontifical Romano* é muito claro: “Visto que a profissão ‘diante do Santíssimo Sacramento’, antes da comunhão, não se coaduna com o reto senso litúrgico, proíbe-se doravante a adoção desse rito por novas famílias religiosas. Aos institutos que o adotam por direito particular, aconselha-se a que deixem de usá-lo”.<sup>15</sup> Tampouco está previsto que cada religioso possa usar um rito particular sem observar o verdadeiro espírito da liturgia: “Do mesmo modo, todos os religiosos que usam um rito particular são convidados a deixar de lado o que estiver em manifesta oposição aos princípios da renovação litúrgica e procurar adotar formas litúrgicas mais autênticas”.<sup>16</sup>

12. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 336.

13. O rito do matrimônio dentro da missa também é colocado depois do Evangelho-homilia, apenas a bênção nupcial é deslocada para o rito de comunhão, mas o consentimento, que é o núcleo do rito, permanece sempre depois do Evangelho.

14. *Pontifical Romano*, cit., p. 336.

15. Id.

16. Id.

Essas orientações não querem de modo algum negar o direito de adaptação e inculturação das diferentes famílias religiosas, mas antes ajudar a ser coerentes com a recomendação da *Sacrosanctum concilium* (n. 80) para que se obtenha a sobriedade, assim como a dignidade e maior unidade.<sup>17</sup> Essas recomendações ajudarão, com certeza, as diferentes famílias religiosas a sentirem-se mais com a Igreja. Nunca nos esqueçamos de que o Espírito sempre suscitou novos ministérios e carismas na Igreja, para vivificá-la e em vista de sua edificação comum, isto é, diferença de dons para que a Igreja seja um só corpo e um só Espírito.

No *Pontifical Romano*, encontramos um rito para a iniciação na Vida Religiosa, outro para a profissão temporária, outro para a profissão perpétua e um outro ainda para a renovação dos votos, nas versões masculina e feminina. Encontra-se, ainda, um rito para bênção de abade e abadesa e outro para a consagração das virgens. Para nenhum desses ritos reza-se o credo na missa. O credo, de fato, não é essencial para a liturgia,<sup>18</sup> por isso, hoje, não o rezamos nas missas que não sejam dominicais ou outras solenidades. Porém, devido ao fato de a profissão religiosa estar referida ao Batismo, perguntamos se não seria oportuna a sua recitação, bem como a renovação das promessas batismais antes de o professando pronunciar a fórmula dos votos. A esse propósito, observemos que o diálogo entre o celebrante e o professando começa fazendo alusão ao Batismo como primeira consagração e ligando a ele a profissão como uma segunda consagração.

Quanto às demais partes do rito de profissão, só temos a ressaltar a beleza da sua organização e a riqueza de seu conjunto eucológico.

## Conclusão

Chegamos ao fim desta nossa pequena colaboração concluindo que a principal razão da existência deste estilo de vida cristã — a Vida Consagrada — é ser uma dócil resposta à ação do Espírito Santo, que sempre suscita no seio da Igre-

17. Id.

18. O credo era, no início, apenas uma declaração conciliar de fé recitada pelo eleito no rito batismal e, no século VI, entrou para a liturgia eucarística de Constantinopla. Ainda no fim desse século, entraria na liturgia da Espanha e, no século XIII, na liturgia da Irlanda. No início do século seguinte, entraria na liturgia da capela imperial de Carlos Magno. Em Roma, o credo niceno-constantinopolitano só entraria no início do século XI, por pressão do imperador franco Henrique II sobre o papa Bento VIII (1012-1024). Cf. RAFFA, V. *Liturgia eucarística. Mistagogia della messa: dalla storia e dalla teologia all'á pastorale pratica*, Roma: Edizioni Liturgiche, 2003. pp. 334-347. (Bibliotheca "Ephemerides Liturgicae", n. 100.)

ja novos carismas e vocações para a sua edificação comum em corpo de Cristo. A consciência dessa pertença à Igreja deveria levar o consagrado pelos votos a sentir-se mais com a Igreja e, assim, deixar refletir em si aquilo que ela é: esposa-corpo de Cristo-cabeça, a quem ela se une para a perfeita glorificação do Pai e para ser um sinal da presença da obra redentora do dileto esposo no mundo.

A liturgia, por ser fonte e cume de toda a vida cristã (SC, n. 10), deverá ser, sempre, o principal alimento das comunidades religiosas, as quais encontrarão na liturgia, sobretudo na Eucaristia, não somente sua principal fonte de alimento espiritual, mas o mais forte vínculo de pertença a uma única Igreja, fiel esposa de Cristo. Para obtermos uma tal atitude, ser-nos-á útil conhecer o espírito da liturgia manifesto na sua história e na sua teologia.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Qual a importância da liturgia na vida cotidiana das comunidades religiosas?
2. Uma pequena comunidade de consagrados pode ser considerada uma assembléia litúrgica?
3. Qual o principal critério para uma comunidade religiosa conjugar liberdade e criatividade na liturgia?
4. Como os religiosos podem expressar a dimensão escatológica da fé cristã na vivência dos votos?

# CRB em tempo de mudança! Mudança de tempo!

405

ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA, FDP\*

Depois de muito insistir sobre o tema “mudança de época — época de mudança”, a CRB decidiu mudar-se, colocando em prática o que vinha ensinando. E, no caso, a mudança não é somente alegórica, mas real. Quem estava acostumado com o velho endereço, no centro do Rio de Janeiro, agora terá de substituí-lo pelo novo endereço em Brasília, DF. Aos que por princípio ou por casualidade não costumam freqüentar a Capital Federal, não se assustem com o novo endereço. Não se trata de prefixo de nave espacial, Brasília é assim mesmo!

Opiniões a mudança ou não da sede da CRB são antigas. Os mais nacionalistas achavam que a CRB devia ter acompanhado a mudança da Capital Federal já nos idos da década de 1960. Os federalistas se inclinavam na mesma direção, argumentando que a sede nacional tinha de estar onde está a inteligência da República. Os eclesiásticos somavam-se aos dois anteriores, porém advogando que a CRB teria de acompanhar a CNBB. Questão de fidelidade!

Não faltaram, contudo, posicionamentos contrários: uns rejeitavam a idéia da mudança por achar que Brasília está longe de tudo; outros, por pruridos éticos, temerosos de que, estando tão próxima dos poderes governamentais, a instituição religiosa correria riscos de contaminação. Havia ainda quem defendesse a mudança com argumentos transcendentais, visionários, lembrando que o surgimento de Brasília foi previsto ou “profetizado” por um grande e santo fundador religioso. Mesmo diante de argumentos tão cabais, opiniões controversas persistiram. Embora o assunto fosse lembrado em diversas circunstâncias, não se chegou a um consenso capaz de determinar a mudança.

**\* Padre Antônio A. Silva** é sacerdote orionita, professor de Teologia no Itesp-SP, assessor da Pastoral Afro, membro da Equipe Teológica da CRB-Nacional.  
**Endereço do autor:** Rua 13 de maio, 452, Bela Vista, 01327-000, São Paulo - SP.  
E-mail: pe.toni@terra.com.br

Pelo sim e pelo não, qual virgem prudente, uma das Diretorias da CRB de algumas décadas atrás, movida ou não pelo Espírito Santo, realizou um investimento, adquirindo todas as salas do 5º andar do Ed. Venâncio II no centro de Brasília. Na época, alguns avaliaram o gesto como loucura; outros, como sensatez. Na visão dos negociadores, se o empreendimento não viesse a ser ocupado pela sede da CRB Nacional, certamente serviria como fonte de renda. Ficaram entusiasmados quando viram que várias outras congregações religiosas idôneas tinham investido naquele negócio imobiliário adquirindo salas nos outros andares. Ao longo dos anos, a CRB Regional ocupou uma das salas como sede, e as demais foram alugadas.

Na pauta de assuntos da XXI Assembléia Geral da CRB, realizada em julho de 2007, constava o item “transferir a sede nacional”. O assunto, que em assembleias anteriores parecia não ter suscitado grandes interesses, agora era discutido nos corredores: um grande número argumentava a favor da permanência da sede na Cidade Maravilhosa; enquanto a maioria defendia a mudança, alegando os benefícios de encurtamento da distância para algumas regiões.

No momento de apreciação do assunto pelos participantes da Assembléia, a presidente da CRB Nacional em exercício fez a apresentação das razões e da proposta de transferência. A maioria aprovou e delegou à Diretoria eleita o processo de mudança durante o triênio.

## ***Brasília não é mais a mesma!***

### **Tempos de mudanças!**

Todo tempo é, sem dúvida, tempo de mudança. Entretanto, o aceleração de mudanças havidas a partir de meados do século XX tem sido surpreendente. Mudanças ocorridas nas várias áreas, inclusive na Igreja e na VR, confirmando a máxima *Ecclesia semper reformanda*.

Este contexto de mudanças tem exigido da CRB uma necessária reflexão sobre tal questão. Em diversas ocasiões, sobretudo nas assembleias, o tema tem sido recorrente. No quadro programático da CRB referente ao triênio prece-

dente (2004–2007), fala-se em “acolher mudanças necessárias diante dos novos tempos”. Na programação do triênio atual, a VR, em meio aos espaços em transformação, ou seja, às mudanças, está na base de todas as propostas. Aliás, a VRC se vê em meio às profundas transformações e aos grandes desafios que envolvem a humanidade hoje. As mudanças ocorrem por razões internas e por razões que a transcendem. De fato, vivemos num mundo que passa por uma grande transformação, uma grande mudança. “Podemos descrevê-la como uma grande transformação e/ou uma mutação ontológica” (Netzling). As mudanças atuais sinalizam uma nova época, cujos horizontes estão longe de ser percebidos. Alguns analistas comparam as mudanças que estão ocorrendo hoje às maiores rupturas históricas, como, por exemplo, as mudanças havidas no início do período moderno que projetaram uma nova concepção de mundo.

No âmbito interno da VR, as necessidades de mudanças podem ser comparadas também a situações históricas que permanecem como referências marcantes no seu decurso. Fazem lembrar, por exemplo, o surgimento das ordens mendicantes. A passagem de uma VR monástica para uma VR missionária, ou mesmo uma VR que, a partir do século XIX, interage com a sociedade formando pessoas para a demanda da nova realidade industrial.

Entretanto, uma das maiores mudanças na história da VR permanece em curso. Deflagradas com o Concílio Vaticano II, as mudanças atuais continuam abertas aos desafios que se impõem. Nesse caso, com a nova época que estamos vivendo, o futuro se mostra incerto, apesar do imponderável da fé. As indagações têm sido freqüentes: qual será o futuro da humanidade? Aonde iremos chegar? A velocidade é tanta que faltam conceitos para classificar o momento presente e nos contentamos com o “pós”: pós-modernidade, pós-social, pós-humano, pós-religioso, enfim, pós-tudo. “Tudo se passa como se as mudanças, agora, sejam mais rápidas do que o pensamento” (Guillebaud).

## Mudanças e sentido

Estudiosos das mais diferentes áreas buscam em teorias explicações para a compreensão em face das mudanças atuais.

Entretanto, mais do que explicações, ocorre uma profunda busca de sentido. A velocidade com que as coisas se processam incide diretamente na conseqüente perda de sentido. Estamos em uma grande nave que se movimenta velozmente, contudo não há condutor. A afirmação de Jacques Ellul é emblemática: “O ser humano que hoje se serve da técnica é o mesmo que a serve”.

Mais do que nunca, a presença da VR se faz necessária como instância de produção de sentido. É bem verdade que os religiosos, assim como outros atores sociais e cientistas, não estão à altura para identificar claramente as mudanças. No exercício do Deus da esperança, tornado experiência radical, encontra sentido que transcende as circunstâncias imediatas. Nesse sentido, a esperança torna-se o instrumento “graças ao qual podemos enfrentar as mudanças do nosso tempo: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceito, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta” (*Spe salvi*, n. 1).

### CRB: O sentido da mudança

Em meio a esse contexto de mudanças, a transferência da sede da CRB também se reveste de sentido próprio, não se resumindo apenas a uma questão de logística. Afinal, trata-se de uma instituição cuja história condensa no tempo e no espaço os fatos e os feitos da VR no país. Desde a sua origem, nos tempos pré-conciliares, a CRB vem marcada de sentido. As mudanças não são acidentais no percurso histórico da CRB, mas integram a sua vocação e o seu estilo de vivência profética. Mudar para continuar sendo a mesma, ou seja, fiel ao seu projeto no seguimento de Jesus Cristo. Puebla faz alusão ao desempenho da VR como “vanguarda evangelizadora” (n. 771). A CRB, pela sua índole institucional e pelo seu posicionamento evangélico, participa como propulsora desse vanguardismo.

Não por acaso, a transferência da sede ocorre no momento em que toda a VR é conclamada a “avançar”. O horizonte vislumbrado na XXI Assembléia da CRB expressa a necessidade e o desejo da mudança: “Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem” (Ex 14,15).



**CRB**

## **Quadro Programático da CRB 2007-2010**

### **HORIZONTE**

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

### **PRIORIDADES**

- 1.** Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
- 2.** Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
- 3.** Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
- 4.** Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
- 5.** Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.